



NORA ROBERTS

Refúgio

Tradução de Eduardo Fernandes



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido



Às Senhoras do Clube



PARTE UM

*Quando, derrotado pelo tempo, eu voltei...
O meu corpo era um saco de ossos quebrados...*
— JOHN DONNE



1.

Ela sonhava com Refúgio. A grandiosa casa cintilava, cândida como uma noiva ao luar, uma força majestosa encimando a colina que reinava sobre as dunas a oriente e o pântano a ocidente, qual rainha comandando do seu trono.

A casa impunha-se na paisagem como o fizera durante mais de um século, um invejável tributo à vaidade e ao brilhantismo de um homem, perto das sombras obscuras da floresta de carvalhos vivos, onde o rio fluía num silêncio borbulhante.

Sob o abrigo das árvores, os pirilampos cintilavam o seu ouro e as criaturas da noite despertavam, preparando-se para caçar ou ser caçadas. O selvagem procriava ali, nas sombras, em segredo.

Não havia luz que iluminasse as janelas altas e estreitas de Refúgio. Nenhuma luz dava as boas-vindas nos graciosos alpendres da casa, nem nas suas portas.

A noite era profunda e o ar humedecido pelo mar. O único som que perturbava o cenário era o do vento que sacudia as folhas dos grandes carvalhos e o estalar seco dos ramos esqueléticos das palmeiras. As colunas brancas lembravam soldados guardando a larga varanda, mas nenhum deles abriu a enorme porta da frente para a receber.

Aproximando-se, sentiu o crepitar da areia e das conchas abandonadas no caminho sob os seus pés. Os espanta-espíritos titilavam em pequenas insinuações de uma canção. A corrente do baloiço chiava, mas ninguém usufruía do seu balanço, da Lua e da noite.

A fragrância do jasmim e do almíscar impregnava o ar, acentuada pelo aroma salgado do mar. Começou a escutá-lo também: o baixo e constante ribombar da água que se derramava na areia, retirando-se novamente para o seu âmago.

O seu palpar, aquele ritmo consistente e paciente, recordava todos os que habitavam aquela ilha do Desejo Perdido que o mar um dia poderia reivindicar a terra e tudo o que a compunha, por mero capricho.

Ainda assim, sentia que o seu humor melhorava apenas por ouvir aquele som, a melodia do seu lar e da sua infância. Em tempos, correra livremente por aquela floresta como um veado, perscrutara os pântanos, rebolara pelas praias arenosas com o privilégio descuidado da juventude.

Agora, sendo tudo menos jovem, estava de regresso a casa.

Avançou rapidamente, correndo pelos degraus, atravessando a varanda, agarrando a grande maçaneta de latão que reverberava como um tesouro perdido. A porta estava fechada.

Torceu-a para a direita, depois para a esquerda, fazendo força contra o painel de mogno espesso. *Deixem-me entrar*, pensava, sentindo o coração bater em alvoroço. *Voltei para casa. Voltei para casa.*

Mas a porta mantinha-se fechada, trancada. Quando encostou a face à vidraça das grandes janelas laterais, apenas conseguia ver escuridão.

E sentiu medo.

Agora corria, para a parte lateral da casa, para o terraço, onde as flores brotavam dos vasos e os lírios dançavam num coro de pura cor. A música tocada pelos espanta-espíritos era agora agreste e discordante, o agitar das folhas das árvores um sinistro sibilo de aviso. Tentou entrar por outra porta, chorando enquanto nela investia com os punhos cerrados.

Por favor, por favor, não me deixem cá fora. Quero ir para casa.

Soluçava enquanto descia as escadas para o caminho do jardim. Tentaria ir pelas traseiras, entrando pelo alpendre coberto. Nunca estava fechado porque a sua mãe sempre lhe dissera que uma cozinha devia estar sempre aberta para receber alguém.

Mas não conseguiu encontrá-la. As árvores cresciam, fortes e cada vez mais perto, os ramos e a folhagem tapavam-lhe a visão.

Estava perdida, tropeçava confusamente nas raízes das árvores, num esforço para tentar ver na escuridão produzida pelo emaranhado de árvores que cerravam a luz da Lua. O vento soprava, uivava e chibatava as costas das suas mãos, com golpes vingativos.

As folhas das pequenas palmeiras agrediam-na como espadas. Ela voltou-se mas no lugar do caminho havia agora o rio, que a separava de Refúgio. A erva alta que cobria as escorregadias margens balouçava a um ritmo frenético.

Foi aí que se viu, sozinha, e a chorar do outro lado do rio.

Foi aí que soube que estava morta.

Jo tentou com esforço libertar-se do sonho, sentindo apenas as pontas afiadas do delírio que lhe esventravam a pele à medida que emergia do túnel do sono. Sentia os pulmões em brasa e o rosto inundado de suor e lágrimas.

Com a mão a tremer, procurou o candeeiro na mesa-de-cabeceira, e derrubou um livro e um cinzeiro completamente cheio, tamanha era a aflição de se libertar da escuridão.

Quando a luz se acendeu, sentou-se, puxando os joelhos para si, apoiando-se com os braços e embalando-se, consolando-se.

Foi apenas um sonho, pensava, *apenas um sonho.*

Estava em casa, deitada na sua cama, no seu apartamento e a quilómetros da ilha onde Refúgio ficava. Uma mulher adulta, de vinte e sete anos, não tinha nada que se assustar com um sonho estúpido.

Mas ela ainda tremia ao pegar num cigarro. Só à terceira tentativa conseguiu acender o fósforo.

Três e um quarto, leu ela no relógio da mesa-de-cabeceira. Começava a tornar-se um padrão. Não havia nada pior do que os terrores das três da manhã.

Saiu da cama e baixou-se para apanhar o cinzeiro caído. Pensou em limpar a sujidade de manhã. Ficou ali sentada, com a t-shirt gigante a cobrir-lhe as coxas e fez um esforço por se controlar.

Não compreendia o motivo por que os seus sonhos a levavam de volta à ilha de Desejo Perdido e ao lar donde tinha fugido aos dezoito anos de idade. Mas Jo sabia que qualquer estudante do primeiro ano de Psicologia conseguiria traduzir o seu simbolismo.

A porta estava trancada porque duvidava que alguém lhe desse as boas-vindas se voltasse a casa. Ainda recentemente, ao pensar no assunto, perguntara-se se teria perdido completamente a oportunidade de voltar atrás.

E estava muito próxima da idade que a mãe tinha quando decidira deixar a ilha. Desaparecera, deixando para trás, sem hesitar, marido e três filhos.

Teria Annabelle pensado alguma vez em voltar a casa e sonhado que a porta estava trancada?

Não queria pensar nisso, não queria recordar a mulher que lhe partira o coração vinte anos antes. Jo esforçava-se por se recordar que já tinha ultrapassado tudo isso. Vivera sem a mãe, sem Refúgio e a família. Conseguira vencer — pelo menos, a nível profissional.

Batendo com o cigarro distraidamente, Jo olhou para o quarto. Era simples e prático. Embora viajasse com frequência, não guardava muitas recordações das viagens. À excepção de fotografias. Emoldurara todos os exemplares a preto e branco, com uma cercadura branca à volta da imagem, escolhendo aquelas que lhe pareciam mais tranquilizantes na decoração da divisão onde descansava.

Numa moldura, um banco de parque desocupado, feito em ferro forjado, com as suas curvas típicas e fluidas. E noutra, um salgueiro solitário, cujas folhas pendiam sobre uma pequena e cristalina poça. Um jardim iluminado pela luz do luar oferecia um estudo de sombras, texturas e formas contrastantes. A praia vazia com o Sol a espreitar timidamente no horizonte tenta o espectador a entrar na imagem e sentir a areia áspera nas plantas dos pés.

Pendurara a fotografia marítima apenas uma semana antes, depois de voltar de uma missão nas Outer Banks da Carolina do Norte. Talvez por isso se tivesse lembrado de casa, pensava Jo. Estivera tão perto. Poderia ter

viajado um pouco mais para sul, para a Geórgia e seguido no ferryboat para a ilha.

Não havia estradas para Desejo, nem pontes a circundar o estreito.

Mas não tinha seguido para sul. Terminara a sua missão e regressara a Charlotte para se enterrar novamente no trabalho.

E nos seus pesadelos.

Apagou o cigarro e pôs-se de pé. Sabia que não voltaria a adormecer, por isso, vestiu umas calças de fato-de-treino. Trabalharia um pouco na câmara escura, para tentar não pensar muito nos seus problemas.

Talvez o contrato para um livro a tivesse deixado nervosa, pensava, saindo do quarto. Era, afinal, um passo muito importante na sua carreira. E embora soubesse que o seu trabalho era bom, a oferta de uma grande editora para criar um livro com as suas fotografias não deixara de ser inesperada e excitante.

Estudos Naturais, por Jo Ellen Hathaway, pensava ela ao entrar na pequena cozinha para preparar café. Não, soava demasiado a trabalho de final de curso. *Apontamentos de Vida?* Demasiado pomposo.

Sorriu levemente, afastando o cabelo ruivo do rosto e bocejando. Limitar-se-ia a tirar fotografias e deixaria a decisão do título para os peritos.

Sabia reconhecer o momento certo para se afastar e para se afirmar. Afinal de contas, fizera-o toda a vida. Talvez enviasse um exemplar do livro para casa. O que pensaria a sua família disso? Ficaria pousado elegantemente numa das mesinhas da sala onde um qualquer hóspede o folhearia, perguntando-se se Jo Ellen Hathaway seria parente dos Hathaways que geriam a hospedaria de Refúgio?

Será que o seu pai sequer o abriria para ver o que ela tinha aprendido a fazer? Ou encolheria os ombros, deixando-o pousado e preferindo caminhar pela sua ilha? A ilha de Annabelle.

Certamente não teria já qualquer interesse na sua filha mais velha. E essa mesma filha seria uma tola se se importasse com isso.

Jo sacudiu o pensamento e tirou uma caneca azul simples do gancho onde estava pendurada. Enquanto esperava que o café fervesse, inclinou-se contra o balcão e olhou pela sua janela pequena.

Havia vantagens em estar acordada às três da manhã, pensou. O telefone não tocava. Ninguém lhe telefonaria ou enviaria um fax, nem esperaria nada dela. Por algumas horas, não teria de ser ninguém nem fazer nada. Se sentisse um nervosismo no estômago ou alguma dor de cabeça, ninguém saberia da sua fraqueza senão ela própria.

Sob a janela da cozinha, as ruas estavam escuras e vazias, humedecidas por uma chuva de final de Inverno. O candeeiro de rua oferecia um

pequeno e solitário espectro de luz. Não havia ninguém para a apreciar. A solidão continha tamanho mistério. Tantas possibilidades.

A cena cativava-a, como outras semelhantes, e ela deu consigo a deixar o aroma do café, a pegar na Nikon e a apressar-se, descalça, em direcção à noite fria para fotografar a rua deserta.

Nada a tranquilizava mais do que a fotografia. Com a máquina na mão e a imagem na cabeça, podia esquecer tudo o resto. Os seus pés compridos chapinhavam pelas poças frias enquanto ela experimentava novos ângulos. Com alguma irritação, afastou o cabelo do rosto. Não lhe cobriria o rosto se o tivesse cortado. Mas não tinha tempo, por isso, caía-lhe pesadamente para a frente, numa onda despenteada, fazendo-a desejar ter um elástico para o prender.

Tirou uma dezena de fotografias até ficar satisfeita. Quando se voltou, o seu olhar foi atraído para cima. Deixara as luzes acesas, ao que parecia. Não se tinha apercebido de ter acendido tantas luzes no seu percurso do quarto à cozinha.

Séria, atravessou a rua e voltou a focar a máquina. Calculando a posição, agachou-se e tirou um ângulo vertical, capturando as janelas iluminadas no edifício escuro. O Covil da Insónia, pensou. Depois, com uma pequena gargalhada que ecoou tão sinistramente que a assustou, baixou novamente a máquina.

Meu Deus, estava a perder a cabeça. Que mulher saudável estaria na rua às três da manhã, meia despida e a tremer de frio, a tirar fotografias à própria janela? Levou as mãos ao rosto e desejou aquilo que sempre lhe escapara. Normalidade.

Precisas de dormir para seres normal, pensou. Não dormia uma noite completa há mais de um mês. *Precisas de refeições regulares*. Perdera cinco quilos nas últimas semanas e sabia que o seu corpo esguio estava a ficar cada vez mais magro. *Precisas de paz de espírito*. Não sabia se alguma vez sonhara com isso. *Amigos?* Tinha amigos, certamente, mas ninguém suficientemente próximo a quem pudesse telefonar a meio da noite para a consolar.

Família. Bem, tinha família, por assim dizer. Um irmão e uma irmã cujas vidas já não acompanhavam a sua. Um pai que era quase um estranho. Uma mãe que não via nem ouvia há mais de vinte anos.

A culpa não é minha, pensava Jo, no caminho de regresso a casa. A culpa era de Annabelle. Tudo mudara quando Annabelle fugira de Refúgio deixando a sua família perplexa, desfeita e de coração partido. Para ela, o problema estava no facto de eles não terem sabido superar a situação. Mas ela sim.

Não ficara na ilha a preservar cada grão de areia como o pai. Não

dedicara a vida a gerir e a cuidar de Refúgio como o irmão, Brian. E não se deixara levar por fantasias nem pela primeira emoção que sentia como a irmã, Lexy.

Em vez disso, estudara, trabalhara e construíra uma boa vida. Se se sentia um pouco abalada naquele momento, era porque se deixara levar, permitindo que a pressão tomasse conta dela. Estava um pouco em baixo, mais nada. Precisaria apenas de adicionar vitaminas à dieta e dar tempo até voltar à forma.

Talvez até tirasse umas férias, matutava Jo, enquanto procurava as chaves nos bolsos. A última viagem que fizera sem ser motivada por um compromisso profissional fora há três — não, quatro — anos. Talvez ao México ou às Índias Ocidentais. Algures onde o ritmo fosse calmo e o sol quente. Para poder abrandar e espairecer. Essa seria a melhor forma de ultrapassar este pequeno interregno na sua vida.

Ao entrar no apartamento, empurrou com o pé um pequeno envelope quadrado e creme caído no chão. Por alguns momentos, deixou-se ficar ali parada, com uma mão na maçaneta da porta e a outra a segurar a máquina fotográfica, a olhar para o objecto.

Teria estado ali quando saíra? E porque estava ali? O primeiro chegara um mês antes, ficando esquecido no meio da restante correspondência, envergando apenas o seu nome cuidadosamente dactilografado.

Sentiu as mãos tremerem novamente, tentando mentalizar-se para fechar a porta e trancá-la. Susteve a respiração, mas inclinou-se e pegou no sobrescrito. Com cuidado, pousou a máquina e abriu o envelope.

Quando retirou o seu conteúdo, o som que emitiu foi um gemido baixo e prolongado. A fotografia estava muito profissional e muito bem enquadrada. Tal como as três anteriores. Os olhos de uma mulher, com pálpebras compridas e ovais, pestanas densas e sobrelhas delicadamente arqueadas. Jo sabia que a sua cor seria um azul francamente profundo, porque os olhos eram os seus. E neles habitava o terror.

Quando teria sido tirada? Como e porquê? Cobriu a boca com a mão, olhando para a fotografia, sabendo que os seus olhos correspondiam com exactidão aos da imagem. Sentiu uma onda de receio percorrer-lhe o corpo que a fez atravessar o apartamento em direcção à divisão que convertera em câmara escura. Ansiosa, abriu com violência uma gaveta, vasculhou o seu conteúdo e encontrou os envelopes que nela escondera. Em cada um guardava-se uma outra fotografia a preto e branco, cortada num formato de 5 por 12 centímetros.

Sentia o bater desenfreado do coração nos ouvidos enquanto as alinhava. Na primeira, os olhos estavam fechados, como se tivesse sido foto-

grafada durante o sono. As restantes seguiam o processo de despertar. Pestanas mal separadas, revelando apenas uma insinuação da íris. Na terceira, os olhos estavam abertos mas desconcentrados e confusos.

Tinham-na perturbado, sim; incomodado, até, ao encontrá-las no meio da correspondência. Mas não a tinham assustado.

Contudo, a última fotografia, concentrada no seu olhar, revelava uns olhos bem despertos e iluminados pelo terror.

Recuando, a tremer, Jo fez um esforço por se manter calma. *Mas porquê apenas os olhos?*, perguntava-se ela. Como teria alguém conseguido aproximar-se o suficiente para lhe tirar aquelas fotografias sem que ela se apercebesse? Fosse quem fosse, teria de ter estado mesmo à sua porta num dado momento.

Estimulada por uma nova onda de pânico, correu para a sala de estar e verificou freneticamente se todas as fechaduras estavam bem fechadas. O coração estalava-lhe no peito quando se encostou à porta. E então deu entrada a fúria.

Sacana, pensou. Ele queria assustá-la. Queria que ela se escondesse no quarto, se sobressaltasse com as sombras, tivesse receio de sair por pensar que a esperaria à porta. Ela, que fora sempre destemida, deixara-se enredar na estratégia dele.

Vagueara sozinha em cidades estrangeiras e vazias, escalara montanhas e embrenhara-se em selvas. Com a sua máquina fotográfica como escudo, nunca dera oportunidade ao medo. E agora, por causa de um punhado de fotografias, sentia as pernas a tremerem.

Era obrigada a reconhecer que o medo tinha vindo a acumular-se. Crescendo e acentuando-se nas últimas semanas, passo a passo. Fazia-a sentir-se insegura e exposta, tão brutalmente sozinha.

Jo afastou-se da porta. Não podia nem se permitir viver assim. Ignoraria tudo, faria de conta que nada tinha acontecido. Enterraria o assunto. Aliás, era uma grande especialista em enterrar traumas, pequenos ou grandes. Este seria apenas mais um.

Beberia o café e voltaria ao trabalho.

Às oito horas tinha completado o ciclo: atravessando a fadiga, passando pela energia nervosa, depois pela calma criativa e regressando finalmente ao cansaço.

Não conseguia trabalhar mecanicamente, nem mesmo nos aspectos mais básicos de uma câmara escura. Insistia em dedicar toda a sua atenção a cada tarefa. Para isso, teria de estar mais calma, abandonando a raiva e o medo. Bebendo a sua primeira caneca de café, convencera-se de que descobrira o objectivo das fotografias que tinha recebido. Alguém admirava o seu

trabalho e estava a tentar chamar a sua atenção, granjear alguma influência no seu percurso.

Fazia todo o sentido.

Por vezes leccionava ou participava em *workshops*. Além disso, tivera três importantes exposições do seu trabalho nos últimos três anos. Não era assim tão difícil nem extraordinário que alguém lhe tivesse tirado uma fotografia — várias fotografias, aliás.

Era, certamente, uma possibilidade.

Fosse quem fosse, fora criativo e nada mais. Tinha ampliado a zona dos olhos e cortado, enviando-lhe as fotografias numa espécie de sequência. Embora as fotografias indicassem impressão recente, não saberia dizer quando ou onde poderiam ter sido tiradas. Os negativos podiam ter já um ano. Ou dois. Ou cinco.

Tinham conseguido prender a sua atenção, mas exagerara e levava o assunto demasiado a peito.

Nos últimos dois anos, recebera amostras de trabalhos de alguns admiradores seus. Normalmente, vinham acompanhadas por uma carta de apresentação, elogiando-a e o seu trabalho, afirmação normalmente seguida pelo pedido de conselho ou ajuda ou, em alguns casos, por sugestões de colaboração num qualquer projecto.

O sucesso que ela experimentava no campo profissional ainda era relativamente recente. Ainda não estava habituada às pressões que acompanhavam o bom desempenho comercial, ou as expectativas que poderiam facilmente converter-se num fardo.

E Jo tinha de reconhecer, ignorando o seu estômago agitado e bebendo o seu café, agora frio, que não estava a saber lidar bem com o sucesso.

Mas sabia que seria capaz de se entender melhor com o facto se a deixassem em paz a fazer o que fazia melhor, pensava ela, fazendo girar a cabeça cansada sobre os ombros igualmente cansados.

As fotografias terminadas secavam agora no lado húmido da sua câmara escura. Tinha revelado a mais recente remessa de negativos e, sentada num banco ao balcão de trabalho, fez deslizar uma folha de *slides* por cima da mesa iluminada, estudando, imagem por imagem, com a ajuda de uma lupa.

Por um momento, sentiu um laivo de pânico e desespero. Todas as fotografias que tirara estavam desfocadas e sem nitidez. Bolas, bolas, como podia ser? Teria acontecido o mesmo no rolo todo? Mudou-as de posição, pestanejou e observou a imagem aumentada de dunas encrespadas e campos de aveia-de-rosário tornar-se mais nítida.

Com um som entre um grunhido e uma gargalhada, endireitou-se no banco, descontraindo os ombros tensos.

— Não são as fotografias que estão desfocadas e descentradas, sua idiota — murmurou em voz alta. — És tu.

Pousou a lupa e fechou os olhos para os descansar. Não tinha energia para se levantar e ir buscar mais café. Sabia que tinha de comer, ingerir qualquer coisa sólida. E sabia que devia dormir. Estender-se na cama, esquecer tudo e adormecer.

Mas tinha medo de dormir. No sono perderia o autocontrolo, por mais precário que fosse.

Começava a pensar que devia ser vista por um médico, ser medicada para o estado nervoso antes que a levasse ao desespero. Mas essa ideia fazia-a pensar em psiquiatras. E esses quereriam sem dúvida remexer e invadir a sua mente, desenterrar assuntos que estava decidida a esquecer.

Teria de lidar com o problema. Era muito boa a lidar com os seus problemas. Ou, como dizia sempre Brian, era boa a empurrar toda a gente para fora da sua vida e tratar de tudo sozinha.

E que outra escolha tinha ela ou teriam eles todos tido ao serem abandonados naquele pedaço de terra onde Judas perdera as botas?

A fúria que sentiu crescer dentro de si sobressaltou-a, tão súbito e poderoso era o seu ímpeto. Tremeu com a violência da emoção, cerrou os punhos no colo e trincou a língua para não proferir as palavras que a agitavam na cara de um irmão que nem sequer estava presente.

Cansada, disse para si mesma. Estava muito cansada e nada mais. Precisava de deixar o trabalho de parte, de tomar um daqueles comprimidos para dormir sem prescrição médica que comprara mas ainda não experimentara; de desligar o telefone e tentar dormir. Então sentir-se-ia mais estável, mais forte.

Quando sentiu uma mão pousar no seu ombro, libertou um grito estridente e a caneca de café voou.

— Credo! Credo, Jo!

Bobby Banes recuou sobressaltado, espalhando o correio todo pelo chão.

— Mas o que estás a fazer? Que raio estás a fazer? — disparou ela, saltando do banco e fazendo-o cair, deixando Bobby de boca aberta.

— Eu... disse que queria começar a trabalhar às oito. Só me atrasei uns minutos.

Jo tentou recuperar o fôlego, apoiando-se na mesa para se manter direita.

— Oito?

O seu aluno-assistente assentiu cautelosamente. Engoliu em seco e manteve-se a uma distância segura. Tanto quanto lhe parecia, ela ainda mantinha uma expressão furiosa e estaria prestes a atacar. Era o segundo

semestre que trabalhava com ela e sabia já como antecipar os seus pedidos, adivinhar o estado de espírito e evitar o mau humor. Mas não fazia ideia de como lidar com o medo que lia nos olhos dela.

— E porque não bateste à porta? — perguntou ela, agressivamente.

— Bati. Mas como não respondeu, pensei que estivesse aqui dentro e por isso usei a chave que me deu quando fez a última viagem.

— Devolve-ma. Já.

— Claro. Claro que sim, Jo. — Mantendo contacto ocular, enfiou a mão no bolso das suas calças de ganga coçadas e muito na moda. — Não quis assustá-la.

Jo tentou controlar-se e pegou na chave que ele lhe entregava. Agora sentia-se envergonhada, além de receosa. Para recuperar o controlo, inclinou-se para a frente e pôs o banco de pé.

— Desculpa, Bobby. Assustaste-me mesmo. Não te ouvi bater à porta.

— Não faz mal. Quer que lhe vá buscar outra caneca de café?

Ela abanou a cabeça e cedeu à pressão dos seus joelhos trémulos. Sentando-se no banco, esboçou um sorriso na direcção do rapaz. Era um bom aluno — um pouco vaidoso em relação ao seu trabalho, mas tinha apenas vinte e um anos.

Pelo estilo, afigurava-se-lhe como um típico artista e aluno de faculdade, com o seu cabelo loiro apertado num rabo-de-cavalo que lhe dava pelos ombros e a argola de ouro que acentuava o seu rosto estreito. Os dentes eram perfeitos. Os pais teriam sido certamente ávidos defensores do aparelho fixo, pensava ela, passando a língua pelos seus próprios dentes menos perfeitos.

Tinha olho para a arte, reflectia agora. E muito potencial. Era, aliás, por isso que estava com ela. Jo estava sempre pronta para retribuir o que lhe tinha sido concedido.

Porque sentia ainda os olhos castanhos do estudante atentos à sua reacção, esforçou-se por mostrar um sorriso.

— Tive uma noite complicada.

— Parece que sim. — Também ele tentou um sorriso quando a viu arquear a sobranceira. — Arte é ver o que existe realmente, certo? E parece que levou porrada. Não conseguiste dormir, estou certo?

Jo não era nada vaidosa. Encolheu os ombros e esfregou os olhos.

— Não muito.

— Devia tentar a melatonina. A minha mãe jura que funciona. — Agachou-se para pegar nos cacos da caneca. — E talvez devesse cortar no café.

Olhou para cima, mas ela já não o ouvia. Já não estava completamente ali, novamente, pensou ele. Um novo hábito. Tinha desistido de conven-

cer a sua mentora a adotar um estilo de vida mais saudável. Ainda assim, decidiu tentar uma vez mais.

— Tem-se alimentado de café e cigarros novamente.

— Sim. — Estava a deambular. Já meia a dormir, sentada no banco.

— Ainda dá cabo de si. E precisa de fazer ginástica. Perdeu cinco quilos só nas últimas semanas. Precisa de mais peso para a sua altura. E tem ossos pequenos. É um alvo perfeito para a osteoporose. Precisa de enrijecer esses ossos e músculos!

— Sim, pois.

— Precisa de ir ao médico. Cá para mim, está anémica. Não tem cor no rosto e as suas olheiras já fazem sombra.

— Ainda bem que reparas.

Pegou nos cacos maiores e deitou-os no caixote do lixo. É claro que tinha reparado. Ela tinha um rosto que não passava despercebido. Mesmo apesar do esforço que parecia fazer para ninguém notar a sua existência. Nunca a vira usar maquilhagem e andava sempre com o cabelo atado, mas qualquer pessoa seria capaz de ver que o cabelo devia estar a emoldurar aquele belo rosto oval com os seus ossos delicados, olhos exóticos e boca sensual.

Bobby conteve-se, sentindo o rosto ficar subitamente corado. Ela rir-se-ia dele se soubesse que acalentava uma paixoneta por ela desde a primeira vez que o recebera. E ele sabia tratar-se tanto de admiração profissional como de atracção física. Tinha ultrapassado a parte da atracção. Quase.

Mas não havia dúvida de que se ela realçasse minimamente aquele tom magnólia da pele, se pusesse alguma cor nos lábios carnudos e acentuasse aqueles olhos enormes, ficaria uma brasa.

— Posso preparar-lhe o pequeno-almoço — sugeriu. — Se tiver alguma coisa além de chocolates e pão com bolor.

Exalando um longo suspiro, Jo concentrou-se na conversa.

— Não, não faz mal. Talvez possamos parar em qualquer lado e comer alguma coisa. Já estamos atrasados.

Saiu do banco e agachou-se para pegar no correio.

— Sabe, não lhe fazia mal nenhum tirar uns dias para si. A minha mãe costuma ir para um spa em Miami.

As palavras de Bobby eram pouco mais do que um zunido nos ouvidos de Jo. Pegou no envelope com o nome dela dactilografado num bloco apumado de letras. Teve de limpar a transpiração que se concentrava no sobrolho. No fundo do seu estômago agitava-se uma bola que ultrapassava o simples receio, transfigurando-se em puro medo.

O envelope era mais grosso do que os outros, e mais pesado. *Deita-o fora*, gritava o seu consciente. *Não abras. Não vejas o que está lá dentro.*

Mas os seus dedos estavam já a erguer a aba. Pequenos sons de ansiedade escapavam-lhe pelos lábios à medida que abria a pequena presilha de metal. Desta vez, uma avalanche de fotografias derramou-se pelo chão. Pegou numa delas. Tratava-se de uma imagem a preto e branco, bem executada e medindo 12 por 17 centímetros.

E não se tratava apenas dos seus olhos, mas de uma imagem dela de corpo inteiro. Reconheceu o cenário: um parque perto do seu prédio, onde costumava passear. Uma outra fotografia mostrava-a na baixa de Charlotte, numa esquina, com o saco da máquina de fotografar ao ombro.

— Ena! Que bela fotografia sua.

Quando Bobby se baixou para pegar numa das fotografias, Jo bateu-lhe na mão e resmungou.

— Afasta-te. Não lhes mexas. Não me toques.

— Jo, eu...

— Afasta-te de mim.

Com a respiração alterada, caiu de joelhos ao chão, vasculhando freneticamente as imagens. Eram imagens intermináveis das suas tarefas quotidianas e banais. Ela a sair do supermercado, ela a sair ou a entrar do seu carro.

Ele está por todo o lado. Ele está a observar-me. Aonde quer que vá, faça o que fizer. Está a perseguir-me, pensou, sentindo os dentes a bater. Está a perseguir-me e não posso fazer nada. Nada, até...

Então, qualquer coisa dentro dela crepitou. A fotografia que segurava na mão tremeu como se uma brisa atrevida tivesse entrado brusca-mente na sala. Não conseguiu gritar. Parecia que não tinha ar dentro dos pulmões.

Simplesmente deixou de sentir o corpo.

A fotografia estava muito bem produzida; a luz e o uso das sombras e das texturas revelava pura mestria. Estava nua, e a sua pele reflectia um brilho etéreo. O corpo estava disposto numa posição de descanso, o frágil queixo descaído, a cabeça ligeiramente inclinada. Um braço repousava sobre o peito e o outro subia até à cabeça, numa posição de sono pleno de sonhos.

Mas os olhos estavam abertos e fitavam-na. Uns olhos de boneca. Olhos mortos.

Por momentos, sentiu-se atirada violentamente para o seu pesadelo, fitando-se a si mesma e sentindo-se incapaz de emergir da escuridão.

Mas mesmo através da onda de terror, conseguiu perceber as diferenças. A mulher na fotografia possuía uma enorme cabeleira que descaía para longe do rosto. E esse rosto era mais suave, o corpo mais maduro do que o dela.

— Mamã? — sussurrou, segurando a fotografia com ambas as mãos.
— Mamã?

— Que se passa, Jo? — Abalado, Bobby escutou a sua própria voz ficar estridente e vacilar ao ver os olhos vidrados dela. — Mas que raio se passa?

— Onde está a roupa dela? — Jo inclinou a cabeça e começou a embalar-se. Sentia a cabeça inundada de sons, sons agitados e violentos. — Onde está ela?

— Tenha calma. — Bobby deu um passo em frente e tentou tirar-lhe a fotografia.

Jo levantou a cabeça de imediato.

— Afasta-te. — O seu rosto voltou a ter cor, mais intensa a cada segundo que passava. Algo muito pouco saudável bailava no seu olhar. — Não me toques. Não lhe toques.

Assustado, espantado, Bobby voltou à sua posição e ergueu as mãos na direcção dela.

— Certo. Certo, Jo.

— Não quero que lhe toques. — Tinha frio. Tanto frio. Olhou novamente para a fotografia. Era Annabelle. Jovem, sinistramente bela e fria como um cadáver. — Ela não nos devia ter deixado. Não devia ter partido. Porque partiu?

— Talvez tenha precisado de o fazer — respondeu Bobby, em voz baixa.

— Não, ela tinha de ficar connosco. Precisávamos dela, mas ela não nos quis. É tão bonita. — As lágrimas derramavam-se no rosto de Jo e a fotografia tremia nas suas mãos. — É tão bonita. Como uma princesa num conto de fadas. Costumava pensar que era uma princesa. Deixou-nos. Deixou-nos e partiu. Agora, morreu.

A visão dela estava tolhida pelas lágrimas e sentia a pele muito quente. Apertando a fotografia contra o peito, Jo enroscou-se no chão e chorou.

— Vamos, Jo. — Devagar, Bobby aproximou-se dela. — Venha comigo. Vamos pedir ajuda.

— Estou tão cansada — murmurou, deixando-o pegar nela como se fosse uma criança. — Quero ir para casa.

— Está bem. Mas agora feche os olhos.

A fotografia flutuou no ar até cair no chão, aterrando do avesso, no meio das outras fotografias. Jo viu algo escrito nas costas. Em letras grandes e grossas.

A MORTE DE UM ANJO

O seu último pensamento, ao sentir a escuridão abater-se, foi Refúgio.

2.

À primeira luz, o ar estava enevoadado, como um sonho prestes a desvanecer. Raios de luz rasgavam o emaranhado denso de carvalhos e cintilavam no orvalho. Os melros e os pardais que faziam os seus ninhos nos nichos de musgo começavam a despertar, chilreando uma melodia matinal. Um carduel ousado, não mais do que uma mancha vermelha no espaço, atravessava as árvores como uma bala, sem produzir um único som.

Era a altura do dia que mais apreciava. De madrugada, quando o seu tempo e energia ainda não eram exigidos, podia estar a sós, podia saborear os seus pensamentos. Ou simplesmente estar.

Brian Hathaway vivera sempre em Desejo. Nunca quisera viver noutra lugar. Estivera no continente e visitara as grandes cidades. Até fizera umas férias impulsivas no México, para que se soubesse que já visitara uma terra estrangeira.

Mas Desejo, com todas as suas virtudes e defeitos, era parte de si. Viera ao mundo ali numa noite ventosa de Setembro, trinta anos antes. Nascido na grande cama de carvalho em que agora dormia, trazido ao mundo pelo próprio pai e por uma mulher velha e negra que fumava em cachimbo de milho e cujos pais tinham sido escravos, propriedade dos antepassados de Brian.

A mulher chamava-se menina Effie e quando ele era muito novo, ela costumava contar-lhe a história do seu nascimento. Como o vento soprava e uivava e os mares se agitavam e, dentro da casa grande, naquela enorme cama, a sua mãe suportara as dores como um guerreiro e o expulsara do ventre para os braços expectantes do pai, com uma gargalhada.

Era uma boa história. Em tempos, Brian tinha sido capaz de imaginar a sua mãe a rir-se e o pai à espera, à espera de o apanhar.

Hoje, a mãe tinha partido há muito, e a menina Effie tinha morrido há muito também. Já se passara muito tempo desde o dia em que o pai quisera apanhá-lo.

Brian caminhou pela névoa, cada vez mais ténue, atravessando as enormes árvores com os troncos cobertos de líquen rosa e vermelho, sob a luz fria e sombria que acolhia os fetos e as pequenas palmeiras. Era um homem alto e esguio, muito parecido com o pai. O cabelo era escuro e despen-teado, a pele bronzeada e os olhos de um azul frio. Tinha um rosto longo que as mulheres consideravam melancólico e atraente. A sua boca era firme e tendia a cismar mais do que a sorrir.

E aí residia outro aspecto que as mulheres pareciam considerar um desafio também: colocar um sorriso naqueles lábios.

A ligeira alteração da luz alertou-o para o facto de serem horas de voltar a Refúgio. Tinha de preparar o pequeno-almoço dos seus hóspedes.

Brian sentia-se tão satisfeito na cozinha como na floresta. Mais um aspecto que o pai achava estranho em si. E Brian sabia — e achava uma certa piada — que Sam Hathaway imaginava que o filho seria homossexual. Afinal de contas, se um homem gostava de cozinhar, algo de errado deveria passar-se com ele.

Se fossem do tipo de discutir os assuntos abertamente, Brian dir-lhe-ia que apreciava criar um merengue perfeito e preferiria sempre uma mulher em assuntos sexuais. Simplesmente não tinha muito talento para a intimidade.

E afinal não seria essa tendência para se afastarem dos outros um traço muito característico da família Hathaway?

Brian avançou pela floresta, tão silenciosamente como o veado que ali estivera antes. Permitiu-se seguir pelo caminho mais longo, fazendo um desvio pelo Ribeiro da Meia-lua, onde as névoas subiam das águas como fumo branco e um trio de cerdos bebericava satisfeito e em absoluto silêncio.

Ainda tinha tempo, pensava Brian. Havia sempre tempo para tudo em Desejo. Deixou-se ficar sentado num tronco caído para observar os primeiros momentos da manhã.

A ilha tinha apenas três quilómetros e meio na parte mais larga e menos de vinte de comprimento. Brian conhecia cada centímetro da sua superfície — as areias esbranquiçadas do sol nas praias, os pântanos frescos e cheios de sombras com os seus aligátors ancestrais e pacientes. Adorava as depressões das dunas, os prados maravilhosamente húmidos e ondulados, ladeados por pinheiros jovens e carvalhos majestosos.

Mas, acima de tudo, adorava a floresta com os seus recantos obscuros e mistérios.

Conhecia a história da sua casa, dos campos onde em tempos os escravos cultivavam algodão e índigo. Os seus antepassados tinham feito fortunas. E os ricos visitavam aquele pequeno e isolado paraíso para descontraír, na caça de veados e javalis ferozes, em busca de conchas, na pesca no rio e no mar.

Organizavam bailes animados no salão iluminado pela luz de velas dos castiçais de cristal, jogavam descontraidamente às cartas no salão de jogos, bebendo um bom uísque do Sul e fumando grossos charutos cubanos. Descansavam nas varandas durante as quentes tardes de Verão, enquanto os escravos lhes levavam copos de limonada fresca.

Refúgio fora um enclave de privilégios e um testemunho de um estilo de vida que estava condenado ao fracasso.

Mais fortuna ainda entrara e saíra das mãos do magnata do aço e das embarcações que transformara Refúgio no seu esconderijo privado.

E embora o dinheiro não fosse tão abundante como em tempos o fora, Refúgio ainda se mantinha de pé. E a ilha ainda estava nas mãos dos descendentes dos reis do algodão e dos imperadores do aço. As cabanas que se espalhavam pelo terreno, encimando as dunas, aninhadas nas sombras das árvores, em frente ao Estreito do Pelicano, passavam de geração em geração, para que apenas uma mão-cheia de famílias pudesse reivindicar Desejo como seu lar verdadeiro.

E assim se manteria.

O seu pai lutara contra investidores e ambientalistas com igual fervor. Não haveria *resorts* em Desejo e nenhum governo bem-intencionado venceria Sam Hathaway a transformar a sua ilha numa reserva nacional.

A Brian parecia tratar-se de uma homenagem do pai a uma mulher desleal. Uma bênção e uma maldição.

Os visitantes acorriam à ilha, apesar do isolamento do espaço, ou talvez por isso mesmo. Para manter a casa, a ilha e a confiança, os Hathaways tinham convertido o seu lar numa estalagem.

Brian sabia que Sam detestava essa decisão, lamentando cada pegada estrangeira nas areias da sua ilha. Era o único motivo de discussão entre os pais de que se recordava. Annabelle quisera abrir a ilha a mais turistas, atrair visitantes, estabelecer o tipo de comoção social que os seus antepassados em tempos tinham apreciado. Sam insistira em manter o espaço inalterado, inviolado, controlando o número de visitantes e pernoitas como um pobre conta os tostões. Brian acreditava que fora isso que afastara de vez a mãe — essa necessidade de pessoas, rostos, vozes.

Mas por mais que o pai tentasse, não conseguia impedir a mudança, como a ilha não podia impedir o avanço do mar.

Adaptação, pensava Brian, observando os veados partirem como um só em direcção ao recato das árvores. Não gostava de mudanças, mas no caso da estalagem tinham sido necessárias. E a verdade é que gostava de fazê-lo, de organizar, de implementar, de ter uma rotina. Apreciava lidar com os visitantes, escutar as vozes de estranhos, observar os seus diferentes hábitos e expectativas, escutando ocasionalmente as histórias dos seus próprios mundos.

Não se importava de ter gente na sua vida, desde que não quisessem ficar. Aliás, não acreditava muito que as pessoas ficassem por muito tempo.

Annabelle não fora capaz de o fazer.

Brian ergueu-se, ligeiramente irritado com uma cicatriz com mais de vinte anos que ainda latejava. Ignorando-a, voltou-se e seguiu o caminho íngreme em direcção a Refúgio.

Quando saiu do arvoredo, a luz era intensa. Incidia sobre o jacto de uma fonte e convertia cada gota num arco-íris. Olhou para a parte traseira do jardim. As tulipas medravam, como seria de esperar. As estancadeiras pareciam um pouco murchas, e a... mas como raio se chamaria aquela coisa roxa, perguntava-se ele. Sentia-se um jardineiro medíocre, no mínimo, esforçando-se por manter tudo vivo. Os hóspedes contavam com jardins bem apumados, além das antiguidades polidas e refeições saborosas.

Refúgio tinha de estar na melhor das formas para os atrair e isso implicava horas incontáveis de trabalho. Sem os hóspedes, não haveria forma de sustentar Refúgio. Então, pensava Brian, remexendo as flores, seria um ciclo vicioso, uma serpente que mordida a própria cauda. Uma armadilha sem chave.

— Agerato.

Brian levantou a cabeça. Precisou de semicerrar os olhos contra a luz solar para discernir a mulher que surgia diante dele. Mas reconheceu já a voz. Irritava-o o facto de ela se ter conseguido esgueirar até ele sem se aperceber. Se bem que sempre sentira a Dra. Kirby Fitzsimmons como uma pequena irritação.

— Agerato — repetiu ela, sorrindo. Sabia que o irritava e considerava esse facto como uma evolução. Demorara pelo menos um ano a conseguir qualquer reacção dele. — A flor que estás a admirar. Os teus jardins precisam de dedicação, Brian.

— Hei-de arranjar tempo — disse ele, regressando à sua melhor arma, o silêncio.

Nunca se sentira completamente à vontade perto de Kirby. Não era pelo aspecto, embora fosse bastante atraente, quando se aprecia o tipo loira delicada. Brian não gostava muito da sua postura, que contrariava completamente o seu aspecto delicado. Era eficiente, competente e parecia sempre saber um pouco de quase tudo, caramba!

O sotaque dela parecia apontar para a nata da sociedade de Nova Inglaterra. Ou, quando se sentia menos generoso, dos malditos ianques. E tinha maçãs do rosto à ianque também. Alinhavam-se com uns olhos verdes como o mar e um nariz levemente arrebitado. A boca era à medida: nem muito larga nem muito pequena. Apenas mais um pormenor irritantemente perfeito na sua pessoa.

Estava sempre à espera de ouvir dizer que ela regressara ao continente, que fechara a cabana que herdara da avó e que desistira da ideia de

montar uma clínica na ilha. Mas, passados alguns meses da sua chegada, ela ali continuava, entretecendo-se cada vez mais no tecido local.

E no sangue dele.

Ela não parava de lhe sorrir, com aquele seu olhar trocista, afastando uma madeixa de cabelo macio e dourado como o trigo que lhe caía sobre o ombro.

— Está uma bela manhã.

— É cedo.

Enfiou as mãos nos bolsos. Nunca sabia muito bem o que fazer quando estava perto dela.

— Não é cedo de mais para ti. — Inclinou a cabeça. Meu Deus, como era bom olhar para ele. Há meses que sonhava em fazer mais do que olhar, mas Brian Hathaway era um dos nativos com um espírito da terra que ela sentia dificuldade em domar. — Suponho que o pequeno-almoço ainda não esteja pronto.

— Só servimos às oito.

Imaginava que ela o soubesse tão bem quanto ele, pois passava por ali vezes suficientes.

— Posso esperar. Qual é a especialidade de hoje?

— Ainda não me decidi.

Já que não tinha como enxotá-la, conformou-se com a sua crescente proximidade.

— Voto nas tuas *waffles* de canela. Era capaz de comer uma dúzia.

Espreguiçou-se, entrelaçando os dedos ao erguer os braços por cima da cabeça.

Brian fez um esforço por não notar na forma como a t-shirt se esticava sobre os seios pequenos e firmes de Kirby. Não reparar em Kirby Fitzsimmons tornara-se uma tarefa a tempo inteiro. Deu a volta à casa, passando pelas flores que se alinhavam pelo caminho de conchas partidas.

— Podes esperar no salão de visitas ou na sala de jantar.

— Preferia ficar na cozinha. Gosto de te ver a cozinhar.

Antes que Brian conseguisse pensar num estratagema para a impedir, Kirby já entrara pela porta de rede para a cozinha.

Como sempre, estava completamente limpa. Kirby gostava de homens arrumados, tanto como apreciava um corpo tonificado e um cérebro activo. Brian apresentava essas três qualidades, o que a deixava curiosa quanto à qualidade que teria enquanto amante.

Acreditava que acabaria por descobrir. Kirby sempre organizara a sua vida por objectivos. Apenas precisaria de destruir as defesas daquele homem.

Não era falta de interesse. Percebera já a forma como ele a olhava nas raras vezes em que baixava as defesas. Era teimosia, pura e simples. Também apreciava esse traço. E tudo o que nele era contraste divertia-a muitíssimo.

Sabia, ao sentar-se ao balcão, que nada diria sem a sua provocação. Porque ele mantinha sempre essa distância dos outros. E ela sabia que ele lhe serviria uma caneca do seu delicioso café e se lembraria de que o preferia fraco. Era assim a sua hospitalidade nata.

Kirby deixou-o estar sossegado por uns momentos, enquanto bebia o café a ferver que ele lhe colocara à frente. Não estava a brincar ao dizer-lhe que gostava de vê-lo a cozinhar.

A cozinha podia ser o território tradicional da mulher, mas aquela cozinha era inteiramente masculina. Assim como o seu superintendente, de mãos grandes, cabelo despenteado e rosto duro.

Ela sabia — porque havia muito pouco que alguém na ilha não soubesse sobre os outros — que Brian remodelara a cozinha oito anos antes. E que desenhara a configuração, escolhera os materiais e as cores. Transformara a divisão num espaço de trabalho de homem, com balcões de granito e aço inoxidável.

Havia três janelas largas, emolduradas por remates de madeira torneada e trabalhada. Colocara uma pequena mesa cinzenta, arrumada debaixo do balcão, para as refeições da família, embora suspeitasse que os Hathaways raramente comessem juntos. O chão era de azulejo creme e as paredes brancas e desprovidas de adornos. Nada de enfeites para Brian.

Contudo, dispersavam-se alguns apontamentos caseiros, graças ao brilho das panelas de cobre que pendiam dos ganchos, aos ramalhetes de malaguetas secas e alho, à prateleira que exibia utensílios de cozinha antigos. Talvez a intenção fosse mais pragmática do que acolhedora, mas a divisão ficava mais simpática.

Não mexera na lareira de tijolo que recuperava os tempos em que a cozinha era o coração de uma casa, um local de reunião e descontração. Gostava quando ele acendia a lareira no Inverno e o aroma da madeira queimada se misturava agradavelmente com o dos guisados apurados ou das sopas a ferver.

Para ela, o aparato comercial parecia-lhe algo apenas gerido por um engenheiro, se bem que a sua ideia de cozinhar não ia muito além de retirar uma embalagem do congelador e colocá-la num microondas.

— Adoro este espaço — comentou ela. Ele estava a bater algo vigorosamente numa taça e apenas respondeu com um grunhido. Interpretando o som como resposta, Kirby saiu do banco para se servir de mais café.

Encostou-se, roçando levemente o braço no dele e sorrindo ao decifrar o conteúdo da taça. — *Waffles*?

Ele afastou-se levemente. O cheiro dela incomodava-o.

— Era isso que querias, não era?

— Sim. — Levantando a caneca, sorriu para ele. — É sempre bom conseguirmos o que queremos, não achas?

Tinha os olhos mais incríveis, pensava ele. Em criança, acreditara em sereias. E todas elas tinham olhos como os de Kirby.

— É bastante fácil conseguirmos o que queremos quando o que queremos são apenas *waffles*.

Ele afastou-se, contornou-a e tirou uma forma de *waffles* do armário inferior. Depois de a ligar à corrente, voltou-se e embateu em Kirby, fazendo-a desequilibrar-se. Automaticamente, tocou no braço dela para a ajudar a equilibrar-se. E deixou-se estar assim.

— Estás a atrapalhar.

Ela aproximou-se, muito devagar, agradada com o arrepio que sentira no estômago.

— Talvez possa ajudar.

— Com o quê?

Ela sorriu, deixou o olhar perder-se nos lábios dele e depois fitou-o.

— Com o que for preciso. — E porque não?, pensou, pousando a mão no peito dele. — Precisas de alguma coisa?

O sangue dele começou a correr mais depressa. Apertou-lhe o braço com força, sem que o pudesse controlar. Pensara nisso, oh, se pensara. Como seria empurrá-la contra o balcão e usufruir daquilo que ela tão insistentemente lhe espetava na cara?

Sempre lhe arrancava o sorriso da cara.

— Estás no meu caminho, Kirby.

Ele ainda não lhe largara o braço. E isso era sinal de progresso. Ela sentia o ritmo do coração dele bater bem mais depressa debaixo da sua mão.

— Tenho estado no teu caminho há mais de um ano, Brian. Quando vais fazer alguma coisa acerca disso?

Kirby viu-o pestanejar nervosamente os olhos, que agora estreitava. Sentiu a sua própria respiração alterar-se com a expectativa. *Finalmente*, pensou, inclinando-se para ele.

Ele largou-lhe o braço e afastou-se, num movimento tão inesperado e abrupto que quase a fez tropeçar.

— Bebe o teu café — disse ele. — Tenho muito trabalho para fazer.

Brian sentiu-se satisfeito ao perceber que tinha conseguido irritá-la. Agora, já não sorria. As suas sobrancelhas delicadas estavam arqueadas e os olhos escuros e furiosos.

— Bolas, Brian. Qual é o problema?

Agilmente, Brian vertia a massa na forma quente.

— Não tenho problema nenhum.

Olhou-a de relance enquanto fechava a tampa. Estava vermelha e tinha a boca retesada. Estava furiosa. *Ainda bem*, pensou.

— Mas que tenho eu de fazer? — Pousou a caneca com toda a força, entornando o café no balcão impecavelmente limpo. — Tenho de me passear nua?

O lábio dele tremelicou.

— Ora, aí é que está uma bela ideia. Podia aumentar a tarifa da estadia. — Inclinou a cabeça. — Isto é, se tiveres bom aspecto quando estás nua.

— Eu tenho *ótimo* aspecto. E já te dei inúmeras oportunidades para o confirmares.

— Suponho que goste de ser eu a criar as minhas próprias oportunidades. — Abriu o frigorífico. — Queres ovos com as *waffles*?

Kirby cerrou os punhos, recordando-se do seu juramento hipocrático, e depois deu meia volta.

— Que se lixem as *waffles* — resmungou, saindo pela porta de trás.

Brian esperou até ouvir a porta bater para poder sorrir. Sentia-se bem por ter vencido aquela batalha de desejos e decidiu comer as *waffles* dela. Estava a passá-las para o prato quando a porta se abriu de repente.

Lexy fez uma pose breve, que tanto ela como o irmão sabiam ser mais um hábito do que vontade de o impressionar. O cabelo dela era um monte de caracóis desalinados que lhe desciam pelos ombros num mar da sua cor preferida do momento: Vermelho Renascença.

Gostava da influência de Ticiano e achava o seu visual uma franca evolução em relação ao loiro platinado que usara nos últimos anos. Esse tinha sido uma autêntica batalha de manutenção.

A cor actual era apenas ligeiramente mais clara e luminosa do que a que Deus lhe dera e assentava bem com o seu tom de pele, branca e levemente rosada. Herdara os olhos avelã e policromáticos do pai. Naquela manhã estavam pesados, da cor dos mares ensombrados pelas nuvens e já cuidadosamente contornados com rímel e *eyeliner*.

— *Waffles* — comentou. A sua voz era um ronronar de gato que aprendera a manipular religiosamente e era já sua marca. — Que bom.

Indiferente, Brian partiu o primeiro pedaço, ainda de pé e enfiou-o na boca.

— Minhas.

Lexy atirou para trás a sua juba cigana, passeou-se pelo balcão da cozinha e fez beicinho. Pestanejou amorosamente e sorriu quando Brian colocou o prato à frente dela.

— Obrigada, fofo. — Pousou a mão numa face dele e beijou a outra. Lexy possuía um hábito muito pouco típico dos Hathaways de tocar, beijar e abraçar. Brian lembrava-se de que, depois de a mãe os ter deixado, Lexy parecia um cachorrinho abandonado, sempre a saltar para o colo de alguém em busca de algum carinho. Afinal de contas, tinha apenas quatro anos. Acariciou-lhe o cabelo e deu-lhe o xarope.

— Mais alguém a pé?

— Sim. O casal do quarto azul está a despertar. A prima Kate estava no banho.

— Pensava que ias ficar com o turno do pequeno-almoço esta manhã.

— E vou — disse-lhe, de boca cheia.

Ele arqueou a sobrancelha, observando o roupão pequeno, transparente e com padrão florido da irmã.

— E esse é o teu uniforme novo?

Ela cruzou as pernas compridas e comeu mais um pedaço de *waffle*.

— Gostas?

— Ainda te reformas à custa das gorjetas.

— Sim. — Riu-se, brincando com as *waffles* no prato. — O meu sonho foi sempre esse: servir comida a estranhos e limpar mesas sujas, poupando os trocos que me deixam para me poder reformar com todo o esplendor.

— Todos temos as nossas fantasias — comentou Brian, dando-lhe uma caneca de café, cheia de natas e açúcar. Compreendia a sua amargura e desilusão, mesmo não concordando. Porque a adorava, inclinou a cabeça e perguntou: — Queres ouvir a minha?

— Provavelmente, está relacionada com o primeiro prémio do concurso de receitas da Betty Crocker.

— Nunca se sabe.

— Eu podia ser alguém, Brian.

— Mas és alguém. Alexa Hathaway, Princesa da Ilha.

Ela revirou os olhos antes de pegar no café.

— Nem me aguentei um ano em Nova Iorque. Um ano.

— E quem quer isso?

Só de pensar, arrepiava-se. Ruas apinhadas, cheiros apinhados, ar apinhado.

— É capaz de ser difícil ser actriz em Desejo.

— Querida, se queres saber, estás a safar-te muito bem. E se vais amuar, leva as *waffles* para o quarto. Estás a estragar-me a boa disposição.

— Para ti é fácil. — Empurrou o prato das *waffles*. Brian apanhou o prato antes que caísse ao chão. — Tens tudo o que queres. Vives num

ermo dia após dia, ano após ano. Fazes a mesma coisa todos os dias. O pai praticamente te passou a casa para poder andar o dia todo pela ilha para se certificar de que ninguém muda um único grão da sua adorada areia.

Saiu do lugar e abanou os braços.

— E a Jo tem o que quer. Grande fotógrafa da treta, a viajar pelo mundo para tirar as fotografias que quer. E eu que tenho? Mas que raio tenho eu? Um currículo lamentável com uns anúncios, umas passagens de modelos e um papel numa peça de três actos em Pittsburgh que foi cancelada na noite de estreia. E agora estou aqui enfiada, a servir à mesa, a mudar os lençóis dos outros. E detesto-o.

Ele esperou uns segundos e aplaudiu.

— Que grande discurso, Lex. E sabes mesmo que palavras acentuar. Mas talvez fosse melhor melhorares a interpretação. Os gestos são algo dramáticos.

Os lábios de Lexy vacilaram, mas depois acalmaram.

— Bolas, Bri.

Ergueu o queixo num gesto de despeito e saiu.

Brian pegou no garfo. Parecia que a manhã tinha nascido para a batalha. Decidiu terminar o pequeno-almoço dela também.

Passada uma hora, Lexy era toda sorrisos e encanto sulista. Era uma empregada de mesa hábil — o que a tinha preservado da pobreza total durante a sua passagem por Nova Iorque — e servia as suas mesas com todo o prazer e graça tranquila.

Usava uma saia justa suficientemente curta para irritar Brian, como era a sua intenção, e uma camisola de manga curta que considerava favorecer-lhe a silhueta. Era uma boa silhueta e não se poupava a esforços para a manter.

Tratava-se de uma ferramenta para o seu ofício, fosse ele representar ou servir à mesa. Assim o era também o seu sorriso resplandecente.

— Quer que lhe aqueça o café, senhor Benson? Como está a omeleta? O Brian é uma maravilha na cozinha, não é?

Como o senhor Benson parecia apreciar muito o seu peito, ela inclinava-se um pouco mais para lhe dar motivação para a gorjeta, antes de passar à mesa seguinte.

— Vão deixar-nos hoje, não vão? — Sorriu para o casal de recém-casados aninhados numa mesa no canto. — Espero que voltem a visitar-nos em breve.

E passeava pela sala, percebendo quando um cliente queria conversar e quando outro preferia ficar em silêncio. Como sempre, numa manhã

de semana, o movimento era fraco e ela tinha bastante tempo para conversar com os clientes.

O que ela queria era casas cheias, aquelas salas de teatro enormes de Nova Iorque. Em vez disso, pensava ela, sem nunca abandonar o sorriso firme, tinha-lhe sido atribuído o papel de empregada de mesa numa casa que nunca mudava, numa ilha que nunca mudava.

Tudo era o mesmo há centenas de anos, reflectia. Lexy não era o tipo de mulher que apreciava história. Tanto quando sabia, o passado era algo aborrecido e gravado na pedra como Desejo e as suas famílias.

Os Pendletons casavam com Fitzsimmons ou Brodies ou Verdons. As quatro principais famílias da ilha. Ocasionalmente, um dos filhos ou filhas fazia um desvio e casava com alguém do continente. Alguns mudavam para outro local. Mas quase invariavelmente ficavam por ali, vivendo nas mesmas casas, geração após geração, espalhando mais uns quantos nomes entre os residentes permanentes.

Era tudo tão... previsível, pensava, enquanto voltava a página no seu bloco de pedidos e passava à mesa seguinte.

A sua mãe casara com um continental e agora os Hathaways dominavam Refúgio. Eram os Hathaways que moravam ali, trabalhavam ali, davam o seu suor e lágrimas por aquela casa e pela preservação da ilha há já mais de trinta anos.

Mas Refúgio era e seria sempre a casa dos Pendletons, lá no cimo da colina.

E parecia que não havia forma de lhe fugir.

Enfiava as gorjetas no bolso e transportava os pratos sujos. Assim que entrava na cozinha, o seu olhar ficava frio. Mudava de humor como uma serpente muda de pele. Ainda a irritava mais o facto de Brian ignorar o tratamento frio que ela lhe dava.

Pousou os pratos, pegou numa cafeteira de café acabado de fazer e voltou para a sala de jantar.

Durante duas horas serviu, limpou e substituiu a louça — sonhando sempre com o sítio onde preferia estar.

Broadway. Tinha estado tão certa de conseguir o que queria. Todos lhe diziam que tinha um talento natural. É claro que isso fora antes de partir para Nova Iorque e ter de enfrentar centenas de mulheres que tinham ouvido as mesmas palavras.

Ela queria ser uma actriz séria e não uma galdéria qualquer que posava para anúncios de roupa interior, promovendo-se como actriz-modelo. Esperara francamente começar pelo topo. Afinal de contas, tinha a beleza e o talento necessários.

Quando viu Manhattan pela primeira vez, sentira-se insuflada de

motivação e energia. Era como se a cidade estivesse à sua espera desde sempre, pensava, calculando a conta da mesa seis. Todas aquelas pessoas, o barulho e a vitalidade. E as lojas com roupas maravilhosas, os restaurantes sofisticados e o sentimento avassalador de que toda a gente tinha algo para fazer e qualquer local onde estar e depressa.

Ela tinha algo para fazer e um local onde estar também.

É claro que alugara um apartamento que lhe custava demasiado. Mas não quisera contentar-se com um quartinho apertado. Comprara roupa nova na Bendel's e passara um dia inteiro na Elizabeth Arden. Esses caprichos consumiram-lhe um bom pedaço do seu orçamento mas ela considerava-os um investimento. Queria ter o melhor aspecto possível quando começasse a responder a *castings*.

O seu primeiro mês na cidade foi um sucedâneo de despertares para a realidade. Não esperara tamanha competição nem tamanho desespero nos rostos daqueles que faziam fila com ela para uma audição para um qualquer papel.

E ela tinha tido algumas ofertas. Mas a maior parte delas implicava fazer a audição deitada de costas. Tinha demasiado orgulho e autoconfiança para aceder a esse tipo de propostas.

Mas agora esse mesmo orgulho, autoconfiança e — era obrigada a reconhecê-lo — alguma ingenuidade, tinham-na trazido ao local onde tudo começara.

Mas seria apenas temporário, lembrava Lexy. Em menos de um ano faria vinte e cinco anos e então receberia a sua herança. O que dela restava, pelo menos. Partiria novamente para Nova Iorque, mas desta vez seria mais esperta, mais cautelosa, mais astuta.

Não se deixaria derrotar, decidira. Estava apenas a fazer uma pausa. Um dia, subiria a um palco e sentiria o amor e admiração do público derramarem-se sobre ela. Então, seria alguém.

Alguém além da filha mais nova de Annabelle.

Levou os últimos pratos para a cozinha. Brian estava já a arrumar o espaço. Nenhuma panela suja deixada na banca, nenhum líquido derramado ou mancha no balcão. Sabendo que seria um gesto de maldade, Lexy rodou o pulso para que a caneca pousada em cima dos pratos tombasse, derramando os restos de café antes de se desfazer em cacos na tijoleira.

— Ups — disse ela, sorrindo maleficamente quando Brian voltou a cabeça.

— Deves gostar de ser tola, Lex — comentou ele friamente. — Tens muito jeito para esse papel.

— A sério? — Sem se controlar, deixou cair os pratos todos ao chão.

Estatelaram-se ruidosamente, espalhando comida e cacos pelo espaço todo.

— Então porquê?

— Caramba, que raio queres tu provar? Que és destrutiva como sempre? Que alguém vai andar sempre atrás de ti a limpar a porcaria que fazes?

— Foi até ao armário e retirou uma vassoura. — Limpa tu. — Atirou-lhe a vassoura.

— Não limpo. — Embora lamentasse já o gesto impulsivo, atirou-lhe a vassoura novamente. A louça colorida espalhada no chão lembrava uma festa desfeita. — Já que gostas tanto dos teus pratinhos, limpa tu.

— Vais limpar isso ou juro que te espeto a vassoura pelas costas abaixo.

— Ora tenta, Bri. — Aproximou-se o mais que pôde dele. Saber que não tinha razão nenhuma só lhe dava mais vontade de o confrontar. — Tenta e arranco-te os olhos à unha. Estou farta que me digas o que fazer. Esta casa também é minha.

— Bem, parece que nada mudou por aqui.

Os rostos de Brian e Lexy, ainda tolhidos pelo mau humor, voltaram-se e fixaram a porta. Jo estava à entrada, com as duas malas pousadas no chão e o cansaço da viagem bem visível nos olhos.

— Soube que estava em casa quando ouvi a louça a partir e as vozes animadas.

Numa mudança de humor abrupta e intencional, Lexy enfiou o braço no de Brian, unindo-se ao irmão.

— Olha, Brian, mais uma filha pródiga que regressa. Espero que ainda tenhamos um vitelo gordo para celebrar.

— Basta-me café — respondeu Jo, fechando a porta da casa.

3.

Jo observava pela janela do seu quarto de menina. A vista não tinha mudado e mantinham-se os jardins bonitos pacientemente à espera de serem limpos de ervas daninhas e devidamente nutridos. Os pequenos montes de *alyssum* estavam já dourados e as campânulas bailavam ao vento. As violetas ousavam mostrar os seus rostos atrevidos, guardadas pelas lanças altas de íris púrpura e alegres tulipas amarelas. As beijo-de-frade e as cravinas cresciam lealmente.

Havia palmeiras normais e anãs e, depois delas, os carvalhos sombrios onde os fetos densos e as flores selvagens e indiferentes medravam.

A luz era tão bonita, dourada e brilhante, cambiando com o movimento das nuvens que lançavam sombras ténues na terra. A imagem ape-

lava à paz, ao isolamento e a uma perfeição digna dos contos de fadas. Se se sentisse com energia para tal, sairia no momento para a capturar numa fotografia, apropriando-se dela.

Sentira a falta daquele cenário. Que estranho, pensava, perceber apenas agora que sentira falta da vista da janela do quarto onde passara quase todas as noites dos primeiros dezoito anos da sua vida.

Passara muitas horas a jardinar com a mãe, a aprender os nomes das flores, as suas necessidades e hábitos, apreciando o toque da terra nos dedos e o sol nas costas. Pássaros e borboletas, o som do vento nos espanta-espíritos, o movimento das nuvens gordas por cima das suas cabeças, num céu azul suave que registava as memórias da sua infância.

Parecia que as tinha esquecido, concluía Jo, afastando-se nostalgicamente da janela. Qualquer imagem que tivesse daquele momento, na mente ou num rolo fotográfico, estivera esquecida por muito tempo.

O seu quarto mudara muito pouco também. A ala familiar de Refúgio ainda reflectia o estilo e gosto de Annabelle. Para a sua filha mais velha, tinha escolhido uma cama de latão polido, com um dossel rendado e um complexo sistema de cornijas e maçanetas. A colcha era feita de renda irlandesa antiga, uma herança dos Pendletons e que Jo sempre apreciara, pelo seu padrão e textura. E por parecer tão nobre e intemporal.

No papel de parede, as campânulas floresciam alegremente sobre um fundo marfim. Os remates do tecto eram da cor do mel, conferindo um toque acolhedor ao espaço.

Annabelle escolhera as antiguidades: os candeeiros de globo e mesas de ácer, as bonitas cadeiras e jarros que continham sempre flores frescas. Quisera sempre que os seus filhos aprendessem desde cedo a viver com as preciosidades da vida e a apreciá-las. Por cima da lareira, dispunham-se várias velas e conchas. Nas prateleiras da parede em frente alinhavam-se livros e não bonecas.

Mesmo em criança, Jo nunca apreciara muito bonecas.

Annabelle estava morta. Por muito teimosamente que a sua presença se fizesse sentir naquele quarto, naquela ilha, ela estava morta. Morrera algures nos passados vinte anos, tornando a sua deserção completa e irrevogável.

Meu Deus, porque teria alguém querido imortalizar a sua morte em película fotográfica?, interrogava-se Jo dolorosamente, escondendo o rosto com as mãos. E porque teriam enviado aquela mesma imortalização para a filha de Annabelle?

A MORTE DE UM ANJO

Aquelas palavras escritas no verso da fotografia... Jo lembrava-se delas vividamente. Agora esfregava o peito com a mão, procurando aquietar o coração. Que gesto doentio seria aquele? Que tipo de ameaça? E quanto dessa ameaça seria destinada a si?

Estivera lá, fora real. Não importava que, no regresso do hospital, a fotografia não estivesse já no seu apartamento. Não podia importar. Se ela o admitisse, se aceitasse que teria sido fruto da sua imaginação, que tinha alucinado, teria de admitir que perdera o juízo.

E como seria capaz de o enfrentar?

Mas a fotografia não estava lá quando regressou. Todas as outras estavam, todas aquelas imagens diárias dela própria, ainda espalhadas pelo chão da câmara escura, onde ela as deixara cair, num ataque de choque e pânico.

E por mais que procurasse, que passasse horas a vasculhar cada recanto do seu apartamento, não encontrara a fotografia que a tinha finalmente derrotado.

Se é que alguma vez a vira... Fechando os olhos, encostou a testa à vidraça da janela. Se tinha produzido uma alucinação, se de alguma forma formulara aquela imagem como real, colocando a mãe exposta daquela maneira e morta... o que queria dizer?

O que seria capaz de aceitar? A sua própria instabilidade mental ou a morte da mãe?

Não penses nisso agora. Levou a mão à boca, sentindo um nó a formar-se na garganta. *Arquiva o assunto, como arquivaste as fotografias. Tranca tudo até te sentires mais forte. Não te deixes ir abaixo novamente, Jo Ellen,* pensava. *Vais acabar no hospital, cheia de médicos a invadir-te o corpo e a mente.*

Trata disso. Respirou profundamente. *Trata disso para que possas fazer as perguntas que devem ser feitas e encontrar as respostas que precisam de ser dadas.*

Decidira que faria algo prático, algo vulgar, tentaria pelo menos a farsa de uma visita normal a casa.

Já baixara o tampo da escrivaninha e pousara uma das suas máquinas fotográficas. Mas ao fazê-lo percebeu que não seria capaz de arrumar mais do que aquilo. Jo fitou as malas pousadas na bela colcha. A simples ideia de as abrir, de retirar a roupa e pendurá-la no roupeiro, dobrá-la e guardá-la em gavetas era inacreditavelmente impossível. Preferiu instalar-se numa cadeira e fechar os olhos.

Precisava de pensar e planear. Funcionava muito melhor com uma lista de objectivos e tarefas, registados na ordem mais prática e eficiente. Regressar a casa revelara-se a única solução, logo, era prática e eficiente.

Prometera a si mesma que esse seria apenas o primeiro passo. Teria apenas de desanuviar de alguma forma — desanuviar e dar o passo seguinte.

Mas perdeu-se num devaneio, quase sonhando.

Parecia que tinham passado apenas alguns segundos quando alguém bateu à porta, mas Jo sentia-se tonta e desorientada. Levantou-se num salto, sentindo-se ridiculamente envergonhada por ter sido apanhada a dormir a meio da tarde. Antes que pudesse alcançar a porta, estava esta a ser aberta pela prima Kate, que espreitava para dentro do quarto.

— Ora aqui estás tu. Meu Deus, Jo, parece que morreste há três dias. Senta-te e toma este chá. Diz-me o que se passa contigo.

Era tão típica de Kate aquela sua atitude franca, pragmática e assertiva que Jo deu consigo a sorrir quando viu Kate entrar pelo quarto com o tabuleiro do chá.

— Estás com óptimo aspecto.

— Cuido de mim. — Kate pousou o tabuleiro na mesinha da área de estar e apontou para uma cadeira. — Que é algo que claramente não tens feito por ti mesma, a avaliar pelo teu aspecto. Estás muito magra, demasiado pálida e o teu cabelo é um autêntico desastre. Mas podemos tratar disso.

Assertivamente, Kate serviu o chá de uma chaleira de porcelana decorada com heras para duas chávenas do mesmo conjunto.

— Pronto.

Recostou-se, bebeu e inclinou a cabeça.

— Tirei uns dias — explicou Jo. Fizera questão de conduzir até Charlotte com o objectivo de ter tempo para ensaiar os seus motivos e desculpas para regressar a casa. — Algumas semanas.

— Jo Ellen, a mim não me enganas.

Nunca o tinham conseguido, pensava Jo. Nenhum dos irmãos, desde que Kate chegara a Refúgio. Viera dias depois da partida de Annabelle para passar uma semana, tendo ficado ali por mais vinte anos.

Precisavam dela, sem dúvida, pensava Jo, tentando calcular quanto poderia mesmo contar a Katherine Pendleton. Bebeu o chá, tentando ganhar mais tempo.

Kate era prima de Annabelle e as semelhanças com a família revelavam-se nos olhos, na tez e na compleição. Mas se, na memória de Jo, Annabelle fora sempre suave e inatamente feminina, Kate era incisiva e precisa.

Sim, Kate cuidava de si, pensava Jo. Usava um penteado curto, de rapaz, e um boné de pala que encaixava bem no seu rosto atento e estilo prático. O guarda-roupa era sobretudo casual, mas nunca descuidado. As calças de ganga eram sempre passadas a ferro e as camisas de algodão estavam invariavelmente impecáveis. As unhas sempre arranjadas e curtas e nunca sem, pelo menos, três camadas de verniz transparente. Embora

tivesse cinquenta anos, mantinha-se elegante e, vista de trás, poderia ser facilmente confundida com um rapaz.

Entrara nas suas vidas num momento muito obscuro e nunca os deixara ficar mal. Ficara simplesmente ali, cuidando dos pormenores, obrigando cada um deles a fazer o que era preciso fazer a seguir, e à sua maneira pragmática, forçando-os e amando-os para que tivessem pelo menos uma ilusão de normalidade.

— Tive saudades tuas, Kate — murmurou Jo. — A sério que sim.

Kate fitou-a por um momento e algo se agitou no seu rosto.

— Não me enganas, Jo Ellen. Estás com algum problema e podes optar por me contrariar ou deixar-me arrancar-te a verdade à força. Seja como for, eu acabarei por descobrir o que se passa.

— Precisava de descansar.

E isso, pensava Kate, seria certamente verdade. Sabia-o pelo aspecto da rapariga. Conhecendo Jo, duvidava que um homem pudesse ter-lhe dado aquele ar ferido. Apenas restava o trabalho. Um trabalho que levava Jo a locais muito estranhos e longínquos, reflectia Kate. E por vezes locais perigosos e desfeitos pela guerra ou desastres naturais. Um trabalho que ela sabia que a sua jovem prima assumira como prioritário em relação à sua própria vida e família.

Minha menina, pensava Kate, minha querida menina. O que te aconteceu?

Kate segurou com força a pega da chávena para que os dedos não tremessem.

— Alguém te magoou?

— Não, não — repetiu Jo, pousando a chávena para poder esfregar os olhos doridos com os dedos. — Apenas muito trabalho, muita ansiedade. Acho que abusei um pouco nos últimos meses. Muita pressão e nada mais.

As fotografias. A mamã.

Kate franziu o sobrolho. A linha que se formava na testa era conhecida, sem qualquer insinuação de carinho, como a Falha dos Pendletons.

— Mas que tipo de pressão te consome o peso, Jo Ellen, e te faz tremer as mãos?

Defensivamente, Jo cruzou os dedos irrequietos sobre o colo.

— Acho que se pode dizer que não tenho cuidado bem de mim. — Jo sorriu levemente. — Depressa me sentirei melhor.

Tamborilando os dedos no braço da cadeira, Kate estudava o rosto de Jo. Os problemas dela eram demasiado profundos para serem apenas profissionais.

— Tens estado doente?

— Não. — A mentira saía-lhe dos lábios quase tão suavemente como o planeara. Muito deliberadamente, bloqueou qualquer imagem de hospital da mente, na certeza de que Kate conseguiria ler-lha no rosto. — Tenho andado apenas um pouco cansada e não tenho dormido muito bem nos últimos tempos. — Sentindo-se nervosa perante o olhar inquisidor de Kate, Jo levantou-se e serviu-se de um dos cigarros que guardara no casaco pousado em cima da cadeira. — Consegui aquele negócio para um livro. Escrevi-te sobre isso. Acho que foi isso que me deixou mais tensa. — Acendeu o isqueiro. — É uma situação completamente nova para mim.

— Devias sentir-te orgulhosa e não ficar doente.

— Sim, tens toda a razão. — Jo expeliu o fumo e afastou a imagem de Annabelle e das fotografias da sua mente. — Vou descansar por uns tempos.

Não seria apenas isso, Kate sabia-o. Mas, por agora, teria de bastar.

— Fizeste bem em voltar a casa. Umhas semanas com a comida do Brian e enches essas peles outra vez. E sabe Deus como precisamos de ajuda por aqui. A maior parte dos quartos e das cabanas está reservada para quase todo o Verão.

— Então, o negócio corre bem? — perguntou Jo, sem grande interesse.

— As pessoas precisam de se afastar da sua rotina e conhecer outras. A maior parte vem à procura de silêncio e solidão, caso contrário, seguiriam para Hilton Head ou Jekyll. Ainda assim, precisam de lençóis e toalhas limpas.

Kate cruzou os dedos pensando rapidamente no trabalho que a tarde lhe guardava.

— A Lexy tem ajudado um pouco — continuou, — mas continua a não ser muito fiável. Tanto desaparece o dia todo como faz o que é preciso a tempo e horas. Está, como tu, a tentar superar algumas desilusões e a lamber algumas feridas de crescimento.

— A Lex tem vinte e quatro anos, Kate. Já devia ter crescido por esta altura.

— Uns demoram mais tempo do que outros. Não é culpa dela, isso é certo.

Kate levantou-se, sempre pronta a defender uma das suas crias, mesmo que contra as bicadas de outra.

— E alguns nunca enfrentam a realidade — acrescentou Jo. — E passam a vida a culpar toda a gente pelos seus insucessos e desilusões.

— A Alexa não é um fracasso. Nunca tiveste muita paciência com ela. Como ela também não teve contigo. E isso também é certo.

— Nunca lhe pedi paciência. — Velhos ressentimentos emergiam

agora como gordura quente em água suja. — Nunca pedi, a ela ou a qualquer um deles, qualquer tipo de ajuda.

— Não, nunca pediste, Jo — concordou Kate. — Até porque podias ter de retribuir, se pedisses. Podias ser obrigada a reconhecer que precisavas deles ao deixares que precisassem de ti. Bem, é altura de vocês todos começarem a enfrentar algumas verdades. Há já três anos que os três não estão nesta casa juntos.

— Eu sei quanto tempo passou — comentou Jo, amargamente. — E não fui mais bem recebida pelo Brian e pela Lexy do que estava à espera.

— Talvez recebesse mais se esperasses mais — retrucou Kate, irritada. — Não perguntaste pelo teu pai.

Enervada, Jo apagou o cigarro.

— O que queres que pergunte?

— Não me fales nesse tom insolente, minha menina. Se vais ficar debaixo deste tecto, tens de mostrar mais respeito pelos que to oferecem. E terás de fazer a tua parte enquanto cá estiveres. O teu irmão tem assumido demasiado a responsabilidade da gestão deste sítio durante os últimos anos. É altura de a família começar a contribuir. É altura de serem uma família.

— Não sou uma estalajadeira, Kate, e não me parece que o Brian aceite que eu meta o nariz nos assuntos dele.

— Não precisas de ser estalajadeira para lavar a roupa, limpar o pó ou varrer a areia da varanda.

Com todo o gelo que conseguiu invocar na sua voz, Jo respondeu, à defesa e ao ataque:

— Não disse que não faria a minha parte. Queria dizer que...

— Sei muito bem o que querias dizer, e digo-te eu, minha menina, que estou farta dessa vossa atitude. Qualquer um dos três mais depressa enfiaria a cabeça no lodo do pântano do que pediria ajuda a um dos irmãos. E tu mais depressa arrancarias a língua do que pedirias ajuda ao teu pai. Não sei se estão numa competição ou se é pura teimosia, mas queria que deixasses isso de lado enquanto aqui estivesses. Estás em casa. Meu Deus, é altura de veres este sítio como o teu lar.

— Kate — começou Jo vendo-a dirigir-se à porta.

— Não, estou demasiado zangada para falar contigo agora.

— Só queria dizer...

Ouvindo a porta fechar com vigor, Jo expeliu o ar dos pulmões num suspiro prolongado.

Doía-lhe a cabeça, o estômago estava num alvoroço e um sentimento de culpa cobria-a como um manto pesado.

Kate estava errada, decidiu. Era exactamente por isso que aquele era o seu lar.

...

Na orla do pântano, Sam Hathaway observava um falcão a sobrevoar o seu território de caça. Sam caminhara até à zona interior da ilha bem cedo, saindo de casa aos primeiros sinais da alvorada. Sabia que Brian tinha saído aproximadamente à mesma hora, mas não tinham falado. Cada um tinha a sua maneira de ser e o seu caminho a seguir.

Por vezes, Sam levava o jipe, mas preferia andar. Alguns dias, seguia pelas dunas, observando o Sol a nascer na água, tornando-a da cor do sangue, depois dourada e depois azul. Quando a praia era apenas espaço, luz e brilho, podia caminhar quilómetros observando atentamente a erosão, procurando qualquer formação arenosa recente.

Deixava as conchas onde as ondas as abandonassem.

Raramente se aventurava pelos prados entre as dunas. Eram frágeis e cada pegada causaria dano e mudança. Sam debatia-se amargamente contra a mudança.

Havia dias em que preferia vaguear pelo limiar da floresta, por trás das nuvens, onde os lagos e pântanos estavam cheios de vida e música. E havia manhãs em que precisava da quietude e da pouca luz em vez das ondas agitadas e do Sol nascente. Podia ficar parado, a ver o tempo passar, como a garça paciente aguarda o peixe incauto.

Por vezes, entre os lagos, o emaranhado dos salgueiros e a densa película de erva alta fazia-o esquecer que havia mais mundo para além daquele, o *seu* mundo. Ali, onde o aligátor se escondia entre a vegetação, digerindo a sua última refeição, e a tartaruga repousava no tronco, habilitando-se a tornar-se a próxima vítima do aligátor, tudo era mais real do que as próprias pessoas.

Mas era muito, muito raro Sam ir para além dos lagos e penetrar a densa floresta. Annabelle sempre preferira a floresta.

Noutros dias era atraído para ali, para o pântano e os seus mistérios. Tratava-se de um ciclo que ele se sentia capaz de compreender: crescimento e decadência, vida e morte. A natureza era assim e teria de aceitá-lo. Nenhum homem o causara e, enquanto Sam ali estivesse, nenhum homem interferiria.

Nas extremidades conseguia divisar os caranguejos-violinistas a correrem, tão atarefados, na lama, que faziam pequenos sons ocos e pequenas bolhas de ar. Sam sabia que quando saísse dali, os guaxinins e outros predadores avançariam pela lama, silenciosamente, esgaravariam-na e deleitar-se-iam com aqueles pitéus.

Tudo fazia parte do ciclo.

Agora, à medida que a Primavera conquistava o seu espaço, a erva ondulante cambiava de um dourado-escuro para verde e o terreno come-

çava a florescer com os tons lilases e amarelos do *limonium* e da carqueja. Testemunhara mais de trinta Primaveras em Desejo e nunca se cansava do espectáculo.

A propriedade era da mulher, herança de família, mantida geração após geração. Mas tornara-se sua no momento em que dera o primeiro passo nela. Assim como Annabelle fora sua ao primeiro olhar.

Não conseguira ficar com a mulher, mas do seu abandono nascera a herança do terreno.

Sam era um fatalista — ou assim se tornara. Não havia como evitar o destino.

A ilha tornara-se sua através de Annabelle e ele tomava conta dela com cuidado, protegia-a com ferocidade e nunca a abandonava.

Embora tivessem já passado vários anos desde que procurara na noite o fantasma da mulher, conseguia agora descobri-la em qualquer recanto de Desejo.

E isso revelara-se tanto motivo de sofrimento como de alento.

Sam via as raízes expostas das árvores onde o rio consumia os limites do pântano. Alguns defendiam que era preciso tomar medidas para defender o terreno. Mas Sam acreditava que a Natureza descobriria uma forma de resolver o problema. Se o Homem, com boa ou má intenção, quisesse alterar o curso de um rio, que repercussões haveria noutras áreas?

Não, deixaria tudo como estava e deixaria que a terra e o mar, o vento e a chuva decidissem.

A alguns metros dali, Kate observava-o. Era um homem alto e magro, com a pele bronzeada e áspera e o cabelo preto a mostrar os primeiros traços de cinza. A sua boca firme demorava a esboçar um sorriso e mais lentos ainda eram aqueles olhos avelã intensos. Desses olhos abriam-se algumas rugas, profundamente marcadas, que lhe acentuavam os traços do rosto, graças a essa coisa estranha que é a masculinidade.

As mãos e os pés eram grandes, traço que o filho herdara. Mas Kate sabia que Sam podia deslocar-se com uma graça inesperada e secreta que nenhum cidadão sofisticado conseguiria imitar.

Em vinte anos, nunca lhe dera as boas-vindas nem lhe ordenara que partisse. Ela simplesmente viera, ficara e cumprira um objectivo. Em alguns momentos de fraqueza, Kate atrevia-se a pensar o que ele diria ou faria se ela um dia resolvesse fazer as malas e partir.

Mas Kate nunca partira e duvidava que alguma vez o fizesse.

Estivera apaixonada por Sam Hathaway quase todos os segundos dos seus vinte anos naquela ilha.

Kate endireitou os ombros e ergueu o queixo. Embora suspeitasse

que ele já sabia que ela ali estava, sabia também que ele não lhe dirigiria a palavra a não ser que ela falasse primeiro.

— A Jo Ellen chegou no primeiro ferryboat da manhã.

Sam continuou a observar o percurso do falcão. Sim, ele sabia que Kate estava ali, como sabia que só algo verdadeiramente importante a levaria ao pântano. Kate não apreciava muito pântanos e crocodilos.

— Porquê? — foi tudo o que perguntou, extraindo um suspiro impaciente de Kate.

— Aqui é a casa dela, afinal, não é?

A voz dele era lenta, como se as palavras se formassem relutantemente.

— Não acho que pense assim. Pelo menos, não o fez por muito tempo.

— Independentemente do que pensar, esta é a casa dela. E tu és o pai dela e estou certa de que lhe queres dar as boas-vindas.

Sam guardava uma imagem da sua filha mais velha na memória. E viu a mulher com uma clareza que lhe inspirou desespero e indignação súbitos. Mas a sua voz revelou apenas desinteresse.

— Mais tarde regressarei a casa.

— Já se passaram quase dois anos desde a última vez que ela cá esteve, Sam. Pelo amor de Deus, vem ver a tua filha.

Ele deslocou-se ligeiramente, irritado e desconfortável. Kate possuía uma capacidade estranha para lhe provocar aquelas reacções.

— Temos tempo, a não ser que ela esteja a pensar apanhar o ferryboat esta tarde. Nunca consegui ficar muito tempo num sítio só, se bem me lembro. E mal podia esperar por deixar Desejo para trás.

— Partir para a faculdade e construir uma carreira e uma vida sozinha não é abandono.

Embora ele não se mexesse nem falasse, Kate sabia que tinha tocado na ferida certa e lamentava ter de recorrer a isso.

— Ela está de volta, Sam. Não me parece que esteja preparada para partir por algum tempo e a questão nem sequer é essa.

Kate avançou, agarrou-lhe o braço com força e fê-lo voltar-se para ela. Por vezes, era necessário atirar a verdade à cara de Sam para ele a ver. E era exactamente isso que tencionava fazer.

— Ela está a sofrer. Não me parece nada bem, Sam. Perdeu muito peso e está branca como a cal. Diz que não está doente, mas acho que está a mentir. Parece capaz de cair ao chão com uma brisa.

Pela primeira vez, uma sombra de preocupação atravessou o rosto de Sam.

— Magoou-se no trabalho?

Até que enfim, pensou Kate, com cuidado para não manifestar o sentimento de satisfação.

— Não é desse tipo de sofrimento — explicou, agora mais carinhosamente. — É uma dor que vem de dentro e que eu não consigo nomear mas que sei que está lá. Precisa do seu lar, da família. Precisa do pai.

— Se a Jo está com problemas, tem de lidar com eles. Sempre o fez.

— Sempre teve de o fazer, queres tu dizer — retorquiu Kate. Queria abaná-lo até conseguir partir a fechadura que lhe trancara o coração. — Caramba, Sam, ajuda-a.

Sam olhou para além de Kate, na direcção dos pântanos.

— Já não está na idade em que precisa de mim para lhe curar os arranhões com ligaduras.

— Está, sim. — Kate soltou-lhe o braço. — Ela continua a ser tua filha. E sempre será. A Belle não foi a única que partiu, Sam. — Viu o rosto dele fechar-se ao som das suas palavras e abanou a cabeça com vigor. — O Brian, a Jo e a Lexy também a perderam. Mas não têm de te perder também.

Sam sentiu um aperto no peito e voltou-se para fitar os pântanos, sabendo que a pressão que sentia se aliviaria se o deixassem em paz.

— Eu disse que ia para casa mais tarde. Se a Jo Ellen tiver algo para me dizer, que o diga nessa altura.

— Um dia destes vais perceber que também tens algo a dizer-lhe. A dizer a cada um deles.

Deixou-o sozinho, rezando para que esse dia chegasse em breve.

4.

Brian observava a irmã da soleira da porta do terraço voltado a oeste. Parecia-lhe de alguma forma perdida entre a luz do Sol e as flores, pensava ele. Ela ainda vestia as calças largas e a camisola fina e demasiado grande que trouxera em viagem e usava agora uns óculos redondos de armação de arame. Supunha que a irmã usasse o mesmo uniforme quando andava à caça das suas fotos, mas naquele momento parecia apenas acentuar a aparência global de um inválido.

E contudo ela sempre fora a mais forte da família, pensava ele. Mesmo quando criança, insistira sempre em fazer tudo sozinha, em descobrir as respostas, em resolver os puzzles, em lutar todas as batalhas.

Fora sempre a destemida, subindo às árvores mais alto do que os irmãos, nadando mais longe no oceano, correndo mais depressa pela floresta. Apenas para mostrar que podia, supunha Brian. Parecia-lhe que Jo Ellen sempre sentira necessidade de provar qualquer coisa.

E depois de a mãe deles ter partido, Jo parecia ainda mais empenhada em provar que não precisava de ninguém a não ser dela própria.

Bem, certamente precisaria de algo agora, concluía Brian. Saiu e não disse nada quando ela se voltou e olhou para ele através das suas lentes escuras. Depois sentou-se na cadeira de baloiço ao lado dela, pousando-lhe um prato no colo.

— Come — disse, simplesmente.

Jo olhou para baixo, para a galinha frita, a salada fresca e o biscoito dourado.

— É a especialidade da casa?

— A maior parte dos clientes preferiu o piquenique. O dia está demasiado bonito para ficar dentro de casa.

— A prima Kate disse-me que têm tido muitos clientes.

— Bastantes. — Por força do hábito, deu impulso com o pé e a cadeira começou a balouçar. — O que fazes aqui, Jo?

— Pareceu-me o mais certo a fazer. — Pegou numa coxa e começou a comer. Sentiu o estômago revoltar-se, indeciso quanto à ingestão de comida. Mas insistiu e engoliu. — Farei o que me compete e não me atravessarei no vosso caminho.

Brian escutou o ruído da cadeira a balouçar por alguns segundos, ocorrendo-lhe que seria altura de lubrificar as dobradiças.

— Não me lembro de ter dito que estavas no meu caminho — disse, suavemente.

— Então, no caminho da Lexy. — Jo comeu mais um pouco de frango, torceu o nariz aos gerânios cor-de-rosa que se derramavam num vaso de pedra com querubins talhados. — Podes dizer-lhe que não estou aqui para lhe dar cabo do esquema.

— Diz-lho tu. — Brian abriu a tampa do termo que tinha trazido e serviu-se de limonada fresca e acabada de fazer. — Não me vou meter entre as duas para apanhar dos dois lados.

— Está bem, não te metas, então. — Começava a doer-lhe a cabeça, mas aceitou a chávena e bebeu. — Não compreendo porque está tão triste comigo.

— Não faço ideia — respondeu, pensativamente, bebendo de seguida, directamente da garrafa. — És famosa, bem-sucedida, financeiramente independente, uma estrela emergente na tua área. És tudo aquilo que ela sempre sonhou ser. — Pegou no biscoito e partiu-o ao meio, ainda a fumar, oferecendo metade a Jo. — Não faço a mais pequena ideia porque isso a deixaria tão irritada.

— Mas alcancei-o por mim e sem a ajuda de ninguém. Não dei tudo por tudo para conseguir o que consegui só para lhe provar que podia. —

Distraída, enfiou o pedaço de biscoito na boca. — Não tenho culpa de que alimente uma fantasia infantil de ver o nome dela na ribalta e ter o mundo inteiro a cair-lhe aos pés.

— O facto de o considerares uma fantasia infantil não invalida que seja um desejo muito real para ela. — Ergueu a mão para a irmã não o interromper. — E não me vou meter no meio. Vocês as duas resolvam o problema à vossa maneira. Só digo que, neste momento, ela dava conta de ti sem esforço nenhum.

— Não quero andar à bulha com ela — comentou Jo, apreensiva. Conseguia sentir o odor das glicínias que despontavam pelas pérgulas de ferro ali perto, mais uma memória da sua infância. — Não vim aqui para discutir com ninguém.

— Ora aí está uma novidade.

O comentário fê-la esboçar um sorriso.

— Se calhar, estou mais mole.

— Os milagres acontecem. Come a salada.

— Não me lembrava de seres tão mandão.

— Cortei na doçura.

Com um som que quase parecia uma gargalhada, Jo pegou no garfo e comeu a salada.

— O que há de novo aqui, Brian? E o que não mudou?

Traz-me para casa, pensou, embora não conseguisse proferi-lo. *Traz-me de volta*.

— Ora, temos o Giff Verdon que construiu outro quarto na casa Verdon.

— Pára tudo! — Então, franziu o sobrolho. — O jovem Giff, o magricelas com um corrupeio no cabelo. O que andava sempre a choramingar pela Lex?

— Exactamente. Engordou um bocadinho, é verdade, e é muito jeitoso com o martelo e a serra. Faz os nossos arranjos todos. Ainda arrasta uma asa pela Lexy, mas acho que sabe o que quer fazer sobre o assunto.

Jo riu e, sem pensar, comeu mais um pouco de salada.

— Ela vai comê-lo vivo.

Brian encolheu os ombros.

— Talvez. Mas é capaz de o achar mais duro de roer do que pensa. A rapariga dos Sanders, a Rachel, ficou noiva de um rapaz da faculdade em Atlanta. Vão mudar-se para cá em Setembro.

— A Rachel Sanders. — Jo tentou invocar uma imagem mental. — Era a sopinha de massa ou a da gargalhada histérica?

— A da gargalhada. Quase nos perfura os tímpanos. — Feliz por ver a irmã a comer, Brian estendeu o braço e pousou-o nas costas da ca-

deira, descontraíndo-se. — A senhora Fitzsimmons faleceu há mais de um ano.

— A senhora Fitzsimmons — murmurou Jo. — Costumava limpar ostras no alpendre, sentada na cadeira de baloiço, com o cão preguiçoso a rressonar-lhe aos pés.

— O cão também morreu, logo a seguir. Parece que não viu grande vantagem em estar sem ela.

— Deixou-me tirar fotografias dela — recordou Jo. — Quando era mais nova e ainda estava a aprender. Ainda as tenho. Algumas delas nem estão mal de todo. O senhor David ajudou-me a revelá-las. Devo ter sido uma grande chata, mas ela ficava ali, sentada na cadeira, e deixava-me treinar.

Recostado, Brian deixou-se embalar pelo ritmo da cadeira, tão lento e monótono como o batimento da ilha.

— Espero que tenha tido uma morte rápida e sem sofrimento.

— Morreu durante o sono, no auge dos seus noventa e seis anos. Melhor é impossível.

— Pois é. — Jo fechou os olhos, esquecendo a comida. — O que vai ser feito da casa dela?

— Foi herdada. Os Pendletons compraram a maior parte das propriedades dos Fitzsimmons em 1923, mas a casa era dela e o terreno pequeno à volta. A neta ficou com tudo. — Brian ergueu novamente o termo e bebeu, desta vez num gole mais prolongado. — É médica. Já montou uma clínica aqui na ilha.

— Temos uma médica em Desejo? — Jo abriu os olhos e arqueou as sobrancelhas, admirada. — Muito bem, estamos muito civilizados. As pessoas visitam-na mesmo?

— Parece que sim, pelo menos, aos poucos. Está a lançar raízes.

— Deve ser a primeira residente permanente em quê... dez anos?

— Por aí.

— Não me ocorre porquê... — Jo interrompeu-se, recordando-se. — Não é a Kirby, pois não? A Kirby Fitzsimmons? Ela passou aqui algumas férias de Verão quando éramos mais pequenos.

— Parece que gostou disto o suficiente para regressar.

— Essa agora. A Kirby Fitzsimmons, e uma médica, ainda por cima. — Sentiu uma onda de prazer tão surpreendentemente agradável que tardou em reconhecê-la. — Costumávamos brincar por aí. Lembro-me do Verão em que o senhor David veio para tirar fotografias à ilha e trouxe a família.

Gostava de pensar no assunto, na amiga com o sotaque ianque e ritmo rápido, nas aventuras que ambas tinham imaginado.

— Tu fugias com os rapazes e não me ligavas nenhuma — continuou Jo. — Quando eu não chateava o senhor David para me deixar tirar fotografias com a máquina dele, ia com a Kirby e metíamo-nos em sarilhos. Credo, isso foi há vinte anos e parece que foi ontem. Foi no Verão em que...

Brian assentiu e terminou o raciocínio por ela.

— O Verão em que a mamã partiu.

— Está tudo muito confuso — murmurou Jo, e o prazer rapidamente desapareceu da sua voz. — Sol quente, dias longos, noites abafadas e cheias de som. Os rostos. — Enfiou os dedos por trás dos óculos e esfregou os olhos. — Levantar-me de madrugada para acompanhar o senhor David e andar com ele para todo o lado. Engolir à pressa umas sandes de presunto e depois tomar banho no rio. A mamã descobriu aquela máquina fotográfica, a Brownie, e eu corria para a casa dos Fitzsimmons e tirava todas as fotografias até a senhora Fitzsimmons nos dizer, a mim e à Kirby, para nos pormos a andar. E passavam horas e horas, que só dávamos conta quando a mamã nos chamava para irmos jantar.

Cerrou os olhos com força.

— Tantas imagens, tantas. Mas não consigo torná-las minimamente nítidas. E então, ela desapareceu. Um dia acordei, pronta para fazer todas as coisas que um longo dia de Verão pedia que se fizesse, e ela desaparecera simplesmente. E já não havia nada para fazer.

— O Verão acabou — comentou Brian, em voz baixa. — Para todos nós.

— Sim. — Sentia as mãos a tremer outra vez. Procurou os cigarros nos bolsos. — Costumas pensar nela?

— Porque haveria de fazê-lo?

— Nunca te perguntas para onde poderá ter ido? O que terá feito? — Jo deu uma passa trémula. Na sua mente revia uns olhos vazios e sem vida. — Ou porquê?

— Isso não me diz nada. — Brian levantou-se e pegou no prato. — Ou a ti. Ou a qualquer um de nós. Já não diz nada. Já se passaram vinte anos desde esse Verão, Jo Ellen, e parece-me um pouco tarde para nos preocuparmos com isso agora.

Jo abriu a boca mas fechou-a novamente quando Brian deu meia volta e voltou para dentro de casa. Mas estava preocupada com o assunto. Estava assustadíssima.

Lexy ainda se sentia a ferver quando subiu às dunas, a caminho da praia. Jo regressara e estava certa de que com o objectivo de exhibir o seu sucesso e vida realizada. E o facto de ter chegado a Refúgio mesmo no rescaldo do insucesso da irmã não podia ser coincidência.

Jo bateria as suas asas e grasnaria de triunfo, enquanto Lexy não teria nada de que se gabar. Só de pensar nisso, o sangue fervia-lhe, enquanto corria pela areia revolta das dunas, atirando areia por todo o lado, com o impulso das sandálias.

Mas prometera a si mesma que não o permitiria desta vez. Desta vez, ergueria a cabeça e recusar-se-ia a ser vista como inferior a Jo, com a sua mais recente vitória, viagem ou novidade. Não seria apenas a irmã mais nova da celebridade. Esse papel já não lhe servia, certamente. E era altura de todos o compreenderem.

Havia uma pequena concentração de pessoas na zona oeste da praia. Tinham marcado o território com as suas toalhas e guarda-sóis coloridos. Reparou que vários tinham as caixas às riscas coloridas com o almoço da estalagem.

O odor do mar, dos cremes solares e do frango frito confundia-se nas suas narinas. Uma criança colocava areia no seu balde vermelho, enquanto a mãe lia um romance à sombra de um guarda-sol. Um homem transformava-se lentamente numa lagosta, sob o Sol impiedoso. Dois casais que ela tinha servido naquela manhã partilhavam o piquenique e riam-se ao som bonito da voz de Annie Lennox, emitida por um rádio portátil.

Ela não queria que eles, nenhum deles, estivesse ali. Na sua praia, a testemunhar a sua crise pessoal. Para não os ver, voltou-se e seguiu para longe da zona, descendo pela curva da praia.

Viu uma figura na água, o cintilar de ombros bronzeados e molhados, o brilho do cabelo queimado pelo Sol. Giff era uma criatura de hábitos, reflectia ela, e era precisamente o que o médico lhe receitara. Ele costumava tomar um banho durante a pausa da tarde. E Lexy sabia que ele andava de olho nela.

Giff nunca fizera segredo da sua atracção por ela, afinal, e ela não era do tipo que desdenhava uma atenção especial quando o seu ego precisava de algum cuidado. Calculou que uns minutos de namoro e a possibilidade de sexo sem consequências pudessem ajudá-la a animar-se.

Os locais diziam que a sua mãe apreciava o namoro. Lexy não se lembrava de muito mais do que algumas imagens e aromas suaves quando pensava em Annabelle, mas acreditava que a sua capacidade sedutora era um dom natural. A sua mãe gostava de estar sempre apresentável e sorria com facilidade para os homens. E a teoria de um amante secreto era verdadeira, pois Annabelle tinha feito mais do que sorrir, pelo menos com um homem.

Em todo o caso, tinha sido essa a conclusão da Polícia, ao fim de alguns meses de investigação.

Lexy achava que era boa com o sexo; tinham-na aconselhado várias vezes a usá-lo como ferramenta pessoal. Acreditava piamente que havia muito pouco que o superasse em momentos em que era necessário pôr termo à pressão e ser o centro das atenções de alguém.

E gostava. Apreciava as sensações quentes e húmidas que proporcionava. Quase não a incomodava o facto de a maior parte dos homens não fazer a mais pequena ideia se, durante o acto, a mulher estava a pensar neles ou na mais recente carinha laroca de Hollywood. Desde que ela desempenhasse bem o seu papel e soubesse as suas falas com rigor.

Lexy acreditava que tinha nascido para representar. E decidiu que era altura de abrir a cortina a Giff Verdon.

Deixou cair na areia a toalha que trouxera. Não tinha qualquer dúvida de que ele a observava. Era o que os homens faziam. Como se em pleno palco, Lexy entregou-se de corpo e alma ao momento. Na orla da água, tirou os óculos de sol e deixou-os cair na toalha. Lentamente, descalçou as sandálias e, depois, apanhando a bainha do mini-vestido que usava, puxou-o para cima, desenhando os movimentos lentos de um *striptease* indolente. O biquíni que ele escondia cobria pouco mais do que um uniforme de *stripper*.

Deixando cair o fino pedaço de algodão, abanou a cabeça e penteou o cabelo para trás com as mãos. Depois, entrou no mar, com o bambolear de ancas de uma sereia.

Giff deixou que a onda seguinte o cobrisse. Sabia que cada gesto de Lexy era intencional. Não parecia fazer muita diferença. Ele não conseguia tirar os olhos dela, não conseguia evitar que o seu corpo ficasse tenso, rígido e ansioso pela presença dela, com aquelas curvas luxuriantes e pele dourada, com o cabelo a espiralar pelo corpo dela como se estivesse em chamas.

Vendo-a avançar para dentro de água, embalando verticalmente o corpo, Giff calculou que o seu movimento seria idêntico ao dele a balouçar-se dentro dela, seguindo o ritmo das ondas. Ela observava-o também, colhendo do mar o verde dos seus olhos, que se desenhavam num sorriso.

Lexy mergulhou, surgindo novamente, com o cabelo cintilante e molhado, e a água a deslizar-lhe pela pele. E riu-se à gargalhada.

— A água está fria, hoje — gritou ela. — E um pouco brava.

— Só costumas vir em Junho.

— Talvez me apetecesse o frio. — Deixou que a onda a fizesse aproximar-se dele. — E a bravura.

— Amanhã vai estar ainda mais fria e mais brava — disse-lhe ele. — Vem aí chuva.

— Hum-hum. — Lexy flutuou de costas por uns momentos, estudando o céu azul-claro. — Talvez volte mais tarde. — Voltou a pôr-se de pé e deixou-se ficar a nadar, observando-o.

Estava habituada aos olhos escuros que a seguiam como um cachorrinho perdido quando eram adolescentes. Tinham a mesma idade e tinham aprendido tudo juntos, embora divergissem nas alturas. Contudo, ela notava-lhe agora algumas alterações, desde que passara um ano em Nova Iorque.

O seu rosto estava agora mais esculpido e a boca parecia mais firme e confiante. As pestanas longas, que tinham provocado intensos momentos de troça por parte dos colegas de escola, já não pareciam femininas. O seu cabelo castanho-claro era liso e tinha matizes mais claros por causa do Sol. Quando ele lhe sorriu, as covinhas do rosto — outra maldição da sua juventude — acentuaram-se.

— Vês algo de que gostes? — perguntou-lhe ele.

— Talvez. — A voz dele combinava com o rosto. Masculina e madura. O arrepio no estômago foi satisfatório e inesperadamente violento. — Talvez mesmo.

— Suponho que tenhas um motivo para vir nadar aqui praticamente nua. Não quero dizer que não aprecie a vista, mas tencionas dizer-me que motivo é esse? Ou preferes que adivinhe?

Ela riu-se, pontapeando a corrente para manter uma distância provocante entre ambos.

— Talvez precisasse de arrefecer.

— Imagino que sim. — Ele sorriu também, satisfeito por compreendê-la melhor do que ela podia imaginar. — Ouvi dizer que a Jo chegou hoje no ferryboat da manhã.

O sorriso desfez-se no rosto de Lexy e o olhar ficou frio.

— E depois?

— Depois, queres aliviar um pouco a pressão? Queres usar-me para isso? — Quando ela lhe fez uma careta e começou a nadar em direcção à praia, ele agarrou-a pela cintura. — Porque posso fazer-te a vontade — disse ele, enquanto ela tentava libertar-se. — Afinal de contas, foi sempre isto que quis.

— Tira as mãos...

O final da sua exigência afogou-se num gemido inesperado quando ele a beijou. Nunca pensara que o aborrecido Giff Verdon soubesse mover-se tão rápida e decididamente.

Não tinha percebido que as mãos dele eram tão grandes e tão fortes, nem que a boca dele era tão... sensual, assim esmagada contra a dela, com a humidade fria do mar ainda vibrante. Por uma questão de princípio, em-

purrou-o novamente, mas o gesto foi traído pelo gemido gutural quando afastou os lábios que pediam mais.

O sabor dela era exactamente como ele o imaginara — quente e pronto; e a boca de gatinha sensual húmida e suave. As fantasias que ele tecera em torno dela ao longo dos anos desfizeram-se simplesmente e revestiram-se de novas cores, e ainda mais intensas, num amor impotente e desejo desesperado.

Quando ela envolveu as pernas na cintura dele, balouçando o corpo, ele estava perdido.

— Quero-te. — Afastou a boca da dela, percorrendo-lhe o pescoço, enquanto as ondas os empurravam numa confusão de membros. — Caramba, Lexy, sabes que sempre te desejei.

A água molhava-lhe o cabelo, tornando-o mais vibrante. O mar sugava-a para baixo, deixando-a feliz. E então ela estava novamente à tona, sentindo a boca dele fundindo-se com a sua.

— Então, toma-me. Agora mesmo — disse ela entre fôlegos, surpreendida pela força do desejo, aquela energia tensa e quente dentro de si. — Aqui mesmo.

Ele sempre a quisera assim. Pronta, consentindo, desejando. O corpo dele vibrava de dor perante aquela necessidade de estar dentro dela, de a ter. E sabia que se deixasse esse desejo tomar conta dele, a teria e depois a perderia para sempre.

Em vez disso, deslizou as mãos da cintura dela e apertou-lhe o rabo, usando os polegares para a atormentar até que a viu ficar cega de desejo.

— Eu soube esperar, Lex. — Largou-a. — Tu também podes fazê-lo.

Lexy nadava para se manter à tona, cuspiendo a água que engolia, de boca aberta, a fitá-lo.

— Mas que raio estás para aí a dizer?

— Não me interessa estar só a aliviar-te uma comichão e depois ver-te a ir embora satisfeita. — Levantou a mão para afastar o cabelo molhado. — Quando estiveres pronta para mais do que isso, sabes onde me encontrar.

— Seu filho da mãe.

— Vai aliviar a tua pressão para outro lado, querida. Voltamos a falar quando tiveres tido tempo de pensar no assunto com calma. — Agarrou-lhe o braço. — Quando fizer amor contigo, quero que seja pelos dois. Pensa nisso também.

Ela afastou a mão dele.

— Não me toques outra vez, Giff Verdon.

— Vou fazer muito mais do que tocar-te — disse-lhe, vendo-a mergulhar para nadar em direcção à praia. — Vou casar contigo — disse ele,

mas apenas para si mesmo. Exalou um longo suspiro, observando-a a sair da água. — A não ser que dê cabo de mim primeiro.

Para aliviar a pulsão do seu corpo, mergulhou no mar. Mas o sabor dela continuava a latejar-lhe na boca e ele decidiu que seria o homem mais esperto ou o mais estúpido de Desejo.

Jo sentira-se com forças para dar um passeio e chegava agora ao fim do jardim, quando Lexy avançou de rompante pelo caminho. Não se dera ao trabalho de se secar com a toalha, pelo que o vestido de Verão se lhe colava como uma segunda pele. Jo endireitou os ombros e arqueou uma sobran-celha.

— Bem, que tal estava a água?

— Vai à merda. — Com a respiração pesada e a humilhação ainda a morder, Lexy travou. — Vai à grandessíssima merda.

— Começo a pensar que já lá cheguei. E, até ver, a minha recepção tem sido mais ou menos o que esperava.

— E porque haverias de esperar o que quer que seja? Este sítio não tem qualquer significado para ti, nem nós.

— E como sabes o que tem significado para mim, Lexy?

— Não te vejo a mudares lençóis, a limpar as mesas. Quando foi a última vez que limpaste uma casa de banho ou passaste o chão a pano?

— Foi isso que estiveste a fazer esta tarde? — Jo lançou um olhar pelas pernas molhadas e sujas de areia de Lexy, depois subindo ao seu cabelo molhado. — A casa de banho deve ter dado trabalho.

— Não tenho de te dar explicações.

— O mesmo se aplica a mim, Lex.

Quando Jo começou a afastar-se, Lexy agarrou-lhe o braço e puxou-a.

— Porque voltaste?

A ansiedade que a assaltou foi tão repentina que sentiu vontade de chorar.

— Não sei. Mas não foi para te magoar. Não quero magoar ninguém. E estou demasiado cansada para discutir contigo agora.

Irritada, Lexy não tirava os olhos da irmã. A irmã que conhecera reagiria com palavras duras, arrancar-lhe-ia a pele com sarcasmo. Nunca vira Jo a tremer e bater em retirada.

— O que te aconteceu?

— Respondo-te a isso quando souber. — Jo afastou a mão que a travava. — Deixa-me em paz e eu farei o mesmo por ti.

Avançou rapidamente pelo caminho até à praia, tomando a curva que a levava ao mar. Mal olhou para a duna rendilhada pelas ervas iluminadas pelo Sol, nem olhou para cima para seguir o voo da cegonha que

grasnava estridentemente. Precisava de pensar, dizia para si mesma. Apenas uma ou duas horas de pensamentos tranquilos. Decidiria o que fazer e como lhes contar. Se lhes contaria sequer.

Seria capaz de lhes falar do seu esgotamento nervoso? Seria capaz de contar a alguém que passara duas semanas no hospital porque os nervos tinham atingido o seu limite e algo dentro de si tinha quebrado? Seriam empáticos, ambivalentes ou hostis?

E teria isso importância?

Como lhes contaria da fotografia? Por mais que estivesse sempre no limite de uma discussão com eles, continuavam a ser a sua família. Como poderia fazê-los passar por aquilo, desenterrando o sofrimento e o passado? E se um deles quisesse ver a fotografia, teria de lhes dizer que a tinha perdido.

Como Annabelle.

Ou que nunca tinha existido.

Pensariam que ela estava louca. Pobre Jo Ellen, tolinha de todo.

Seria ela capaz de lhes dizer que passara dias a tremer dentro do apartamento, com as portas trancadas, depois de ter saído do hospital? Que dava consigo a procurar louca e desenfreadamente pela impressão que provaria que ela não estava doida?

E que voltara a casa, porque tinha conseguido aceitar finalmente que estava doente. Que se continuasse trancada naquele apartamento sozinha por mais um dia, nunca mais conseguiria reunir a coragem suficiente para sair de lá.

Ainda assim, a fotografia estava tão nítida na sua memória. A textura, os tons, a composição. A sua mãe era tão jovem na imagem. E não era assim que Jo a recordava? Jovem? O cabelo comprido e ondulado, a pele suave? E se tivesse de ter alucinações com a mãe, não remontariam elas àquela idade?

Quase a mesma idade que Jo tinha agora, afinal. E essa seria provavelmente outra razão para ter tantos sonhos e receios, tanta ansiedade. Ter-se-ia Annabelle sentido assim tão inquieta e nervosa como a filha? Teria ela realmente tido um amante? Sempre houvera rumores sobre o caso que qualquer criança seria capaz de ouvir. Nunca houvera pistas nem suspeitas de infidelidade antes de ela ter partido. Mas logo de seguida os rumores tinham-se acicatado e as más-línguas tinham dado asas à imaginação.

Mas, por outro lado, Annabelle tinha sido discreta e inteligente. Nunca dera sinais dos seus planos de partir, e no entanto partira.

E o papá não teria percebido?, perguntava-se Jo. Certamente, um homem saberia ver se a sua mulher estava inquieta e insatisfeita ou feliz. Ela sabia que eles discutiam por causa da ilha. Teria isso sido suficiente para

fazer com que Annabelle se sentisse tão infeliz para deixar a sua casa, o marido e os filhos? Não teria ele percebido ou seria ele assim tão negligente com os sentimentos daqueles que o rodeavam?

Era tão difícil recordar se alguma vez tinha sido diferente. Mas deveria ter havido alguma felicidade naquela casa, em algum momento. Ecos desses momentos ainda viviam na sua mente. Pequenos instantâneos dos pais abraçados na cozinha, da mãe a rir-se, de passear pela praia de mãos dadas com o pai.

Eram imagens ténues, gastas pelo tempo como se erradamente fixadas, mas estavam lá. E eram reais. Se ela tinha tentado bloquear tantas imagens da mãe da sua cabeça, então seria capaz de as reinvocar. E talvez ela conseguisse começar a compreender.

Então, decidiria o que fazer.

O som de um passo na areia fê-la olhar rapidamente para cima. O Sol estava atrás dele, encobrimo-o numa sombra. Um boné escudava-lhe os olhos. O caminhar dele era descontraído e espaçado.

Mais uma fotografia há muito esquecida emergiu na sua mente. Viu-se em menina a correr pelo caminho com o cabelo ao vento, rindo, chamando e saltando bem alto. E os braços dele abriam-se para a receber, para a lançar lá no alto e a apertar com força.

Jo pestanejou para afastar a memória e as memórias que ameaçavam jorrar. Ele não sorriu e ela sabia que por mais que ele o tentasse negar, revia Annabelle na filha.

Ergueu o queixo e fitou o seu olhar.

— Olá, papá.

— Jo Ellen. — Parou a um passo de distância e analisou-a. Percebeu que Kate tinha razão. A rapariga parecia doente, pálida e tensa. Porque não sabia como tocá-la e sabia que ela não apreciaria qualquer tipo de toque, enfiou as mãos nos bolsos. — A Kate disse-me que tinhas chegado.

— Vim no ferryboat da manhã — respondeu ela, sabendo que a informação era desnecessária.

Por alguns segundos difíceis, ficaram ali, mais distantes do que estranhos. Sam deslocou os pés.

— Meteste-te em sarilhos?

— Só estou a descansar.

— Tens trabalhado demasiado.

Franzindo o sobrolho, olhou intencionalmente para a máquina fotográfica que pendia de uma alça ao pescoço dela.

— Não parece que vás tirar muito tempo para descansar.

Com um gesto distraído, Jo amparou a máquina com a mão.

— Alguns hábitos costumam a desaparecer.

— É verdade. — Forçou um suspiro. — A luz na água está bonita, hoje. E as ondas estão agitadas. Devem dar uma boa fotografia.

— Vou ver isso. Obrigada.

— Para a próxima traz um chapéu. Ainda apanhas um escaldão.

— Sim, tens razão. Vou lembrar-me disso.

Sam não sabia que mais dizer, por isso, assentiu com a cabeça e voltou ao seu caminho, passando por ela.

— Tem cuidado com o Sol.

— Terei, sim.

Jo voltou-se rapidamente, caminhando cegamente, agora que sentira o odor da ilha nele, o seu aroma obscuro e rico que lhe partia o coração.

A quilómetros dali, sob o calor da luz da câmara escura, ele deslizava uma folha de papel, com o lado da camada para cima, num tabuleiro com líquido revelador. Agradava-lhe recriar o momento de há tantos anos, observá-lo a tomar forma no papel, sombra a sombra, linha a linha.

Estava prestes a terminar esta fase e queria que ela perdurasse, para poder dela retirar todo o prazer antes de avançar para a seguinte.

Obrigara-a a regressar a Refúgio. A ideia fazia-o rir e sentir-se orgulhoso. Nada podia ser mais perfeito. Era precisamente ali que ele queria que ela estivesse. De outra forma, tê-la-ia tomado antes, uma dezena de vezes antes.

Mas tinha de ser perfeito. Ele conhecia a beleza da perfeição e a satisfação de trabalhar com cuidado para a tornar possível.

Não Annabelle, mas a filha de Annabelle. Um fim perfeito. Ela seria o seu triunfo, a sua obra de arte.

Reivindicá-la, tomá-la, matá-la.

E cada fase do seu trabalho ficaria registada em película. Oh, como Jo saberia apreciá-lo. Ele mal podia esperar por lhe explicar tudo, a única pessoa que saberia apreciar a sua ambição e a sua arte.

O trabalho dela motivava-o e o seu entendimento da arte dela fazia-o sentir-se cada vez mais íntimo. E seriam mais íntimos ainda.

Sorrindo, passou a impressão do tabuleiro com revelador para o banho de paragem, abanando-a antes de o colocar no fixador. Com cuidado, avaliou a temperatura do banho, aguardando pacientemente até que o despertador soasse e ele pudesse acender a luz branca e examinar a fotografia.

Bela, simplesmente bela. Uma linda composição. Iluminação dramática — um halo perfeito sobre o cabelo, umas sombras bonitas a desenhar o corpo e a realçar o tom da pele. E o tema, pensou. Perfeição.

Quando a impressão estava completamente terminada, pegou nela e passou-a por água. Agora podia permitir-se sonhar com o que estava para vir.

Sentia-se mais perto dela do que nunca, ligado ao seu pensamento através das fotografias que reflectiam as vidas de ambos. Mal podia esperar por lhe enviar a seguinte. Mas ele sabia que teria de escolher o momento com grande cuidado.

Na mesa de trabalho a seu lado, um diário meio desfeito jazia aberto no chão, com as suas palavras precisas esbatidas pelo tempo.

O momento decisivo é o derradeiro objectivo do meu trabalho. Capturar aquele acontecimento curto e passageiro onde todos os elementos, toda a dinâmica de um tema atingem o auge. Haverá momento mais decisivo do que a morte? E será possível que um fotógrafo tenha mais controlo sobre o momento, sobre a sua captação em película, do que quando planeia cada fase e causa essa mesma morte? Esse simples acto que une tema e artista torna-o parte da arte e da imagem criada.

Uma vez que matarei apenas uma mulher, manipularei apenas um momento decisivo, escolhi-a com grande cuidado.

O seu nome é Annabelle.

Com um suspiro tranquilo, pendurou a impressão para que secasse e acendeu a luz branca para poder estudá-la melhor.

— Annabelle — murmurou. — Tão bela. E a tua filha é igual a ti.

Deixou Annabelle ali, fitando, fitando, e saiu para concluir os seus planos para a estadia em Desejo.

5.

O ferryboat navegava pelo Estreito do Pelicano, dirigindo-se para leste, para Desejo Perdido. Nathan Delaney apoiava-se na balaustrada a estibordo, como o fizera quando tinha apenas dez anos de idade. Não era a mesma embarcação e ele já não era um menino, mas queria recriar o momento com o rigor possível.

A brisa do mar arrefecera o ambiente e o seu aroma era cru e misterioso. Da última vez estivera mais quente, mas a sua visita fora no final de Maio e não em meados de Abril.

Assim servia muito bem, pensava ele, recordando o momento em que ele, os pais e o irmão mais novo se juntavam na balaustrada de um outro barco, ansiosos pelo primeiro vislumbre de Desejo e o início de um Verão na ilha.

Não notava grandes diferenças. Da ilha emergiam os majestosos car-

valhos com o seu musgo rendilhado, palmeiras-anãs e magnólias de folhas brilhantes ainda sem flor.

Teriam estado em flor na primeira visita? Um rapaz ansioso por aventuras pouca atenção prestava às flores.

Ergueu os binóculos que pendurara ao pescoço. O seu pai ajudara-o a apontar e a focar naquela manhã, há tanto tempo, para que pudesse apanhar o voo rápido de um pica-pau. Seguiu-se naturalmente uma discussão porque Kyle queria usar os binóculos também e Nathan não queria abdicar deles.

Lembrava-se da mãe a rir-se e do pai a vergar-se para a frente para fazer cócegas a Kyle, tentando que se distraísse. Conseguia visualizar a imagem na perfeição. A mulher bonita com o cabelo a esvoaçar, os seus olhos escuros cintilantes de felicidade e excitação. Os dois rapazes, enérgicos e desalinados, a discutirem. E o homem, alto e moreno, de pernas compridas e de compleição magra.

Agora, pensava Nathan, apenas restava ele. De alguma forma, ficara com o corpo do pai e passara de rapaz magro a homem com pernas longas e ancas estreitas. Podia olhar para um espelho e ver os reflexos do rosto do seu pai nas faces magras e olhos cinzentos-escuros. Mas tinha também a boca da mãe, rigidamente desenhada, e o seu cabelo castanho-escuro com nuances de dourado e vermelho. O seu pai dizia que lhe lembrava mogno envelhecido.

Nathan interrogava-se se os filhos seriam apenas montagens dos pais. E sentiu-se tremer.

Sem os binóculos, observou a ilha a tomar forma. Conseguia ver os apontamentos de cor proporcionados pelas flores selvagens — rosas e violetas dos tremoceiros e dos jarros-dos-campos. Conseguia divisar uma série de casas dispersas, algumas estradas a direito ou curvilíneas, o relampejo de um riacho que desaparecia entre as árvores. O mistério era acentuado pelas sombras escuras da floresta onde os porcos ferozes e os cavalos habitavam em tempos, pelo brilho dos pântanos e as lâminas de erva ondulante, dourada e verde, sob o Sol intenso da manhã.

À distância, tudo parecia uma névoa, como se de um sonho se tratasse.

Então, viu o apontamento de branco num cume elevado, o rápido reverberar do Sol numa vidraça. Refúgio, pensou ele, e não tirou os olhos do local até o ferryboat virar em direcção à doca, momento em que o perdeu de vista.

Nathan saiu de onde estava e voltou ao seu jipe. Quando se instalou na viatura, rodeado apenas pelo cantarolar dos motores da embarcação, ponderou se não teria sido um acto de loucura regressar àquele local, explorar o passado e, de alguma forma, repeti-lo.

Deixara Nova Iorque, apenas com os objectos mais importantes e que coubessem no jipe. Eram surpreendentemente poucos. Se bem que nunca fora muito de se agarrar às coisas. Esse facto tornara a sua vida muito mais simples durante o divórcio, dois anos antes. Maureen fora sempre a grande colecionadora e quando ele a autorizou a levar o que quisesse do apartamento de ambos no West Side, poupou-lhes muito tempo e discussões.

Deus sabia que ela o levava à letra e lhe deixara pouco mais do que a roupa e o colchão.

Esse capítulo da sua vida terminara e durante quase dois anos dedicara-se exclusivamente ao seu trabalho. Conceber edifícios era tanto uma paixão como uma carreira para ele, e tendo Nova Iorque apenas como sede, viajara, estudara e trabalhara onde quer que o seu bloco de desenhos e computador coubessem. Permitira-se a dádiva do tempo para estudar outros edifícios, explorar a arte na sua construção, desde as grandes catedrais em França e Itália, aos lares do deserto do Sudoeste americano.

Sentira-se livre, tendo apenas o seu trabalho a exigir-lhe tempo e dedicação.

E então perdera os pais, súbita e irrevogavelmente. E, pelo caminho, perdera-se também. Tentaria juntar todos os pedaços da sua existência em Desejo.

Mas estava decidido a ficar na ilha pelo menos seis meses. Nathan interpretara como bom augúrio ter conseguido reservar a cabana onde passara aquele Verão com a família. Ele sabia que conseguiria escutar o eco das suas vozes e desta vez ouviria com os ouvidos de um homem. E veria os seus fantasmas com os olhos de um homem.

Regressaria a Refúgio com a determinação de um homem.

Lembrar-se-iam dele? Os filhos de Annabelle?

Enfim, em breve descobri-lo-ia, quando o ferryboat aportasse.

Aguardou pela sua vez, observando as pedras que travavam os pneus da carrinha que estava à sua frente a serem retiradas. Nela seguia uma família de cinco pessoas, e percebia pelo equipamento que iam acampar nas instalações da ilha criadas para o efeito. Nathan abanou a cabeça, perguntando-se por que motivo alguém escolheria dormir numa tenda no chão, considerando a aventura verdadeiras férias.

A luz ficou mais ténue quando as nuvens encobriram o Sol. Franzindo o sobrolho, concluiu que se aproximavam rapidamente, vindas de este. A chuva era bastante ágil nas ilhas, sabia-o bem. Recordava-se da chuva a cair em torrentes durante três dias seguidos, no Verão que lá passara. Ao segundo dia, ele e Kyle já não se podiam ver e pegavam-se como dois jovens lobos.

A recordação fazia-o sorrir, agora, e não conseguia entender como a mãe conseguira tolerá-lo.

Saiu lentamente da embarcação, entrando de seguida na estrada irregular e afastando-se da doca. Com as janelas abertas conseguia ouvir a música *rock and roll* que o rádio da carrinha em frente soava. Família de campistas, pensou, já se divertem, chova ou não. Estava decidido a seguir o exemplo deles e aproveitar a manhã.

Teria de visitar Refúgio, claro, mas fá-lo-ia como arquitecto. Recordava-se de ser um exemplar fabuloso do estilo colonial, com as suas varandas largas, colunas imponentes, janelas altas e estreitas. Mesmo em criança, sentira-se fascinado e memorizara alguns detalhes.

Algerozes incorporados em gárgulas, lembrava ele, que personalizavam o edifício em vez de o distanciarem do estilo dominante. Fartara-se de meter medo ao irmão quando lhe contava que as criaturas despertavam de noite e partiam para a caça.

Havia também um torreão com um varandim a toda a volta. As varandas ficavam à face da construção, com as balaustradas ornamentadas em pedra ou ferro. As chaminés eram feitas de pedras em tons suaves trazidas do continente e a casa em si mesma fora construída com madeira dos ciprestes e carvalhos da região.

Lembrava-se de um fumeiro, que ainda era usado, e os alojamentos dos escravos, já em ruínas, onde ele, Brian e Kyle tinham encontrado uma cascavel enroscada num canto escuro.

As florestas eram habitadas por veados e os pântanos por aligátors. Sussurros de piratas e fantasmas enriqueciam a atmosfera. Era um excelente local para rapazes e grandes aventuras. Mas também para segredos obscuros e perigosos.

Passou pelos pântanos ocidentais com a sua lama agitada e as pequenas ilhas de árvores. O vento soprava agora com mais força, agitando as ervas altas. As extremidades do território eram patrulhadas por duas garças que espetavam as suas pernas altas como alfinetes nas águas pouco profundas.

Então, era chegada a vez da floresta, luxuriante e exótica. Nathan abrandou, deixando que a carrinha diante dele se perdesse no horizonte. Ali havia tranquilidade e segredos obscuros. O coração começou a bater descontroladamente e as mãos apertaram o volante. Era algo que aprendera a enfrentar, a dissecar e, eventualmente, a entender.

As sombras eram densas e o musgo pendia das árvores como teias gigantes de aranhas monstruosas. Para se testar, desligou o motor. Não conseguia escutar nada senão o som do seu coração e a voz do vento.

Fantasmas, pensou ele. Teria de procurá-los ali. E quando os encontrasse, que faria? Deixá-los-ia ali onde vagueassem noite após noite ou continuariam a assombrá-lo, atormentá-lo nos seus sonhos?

Veria o rosto da sua mãe ou de Annabelle? E qual das duas gritaria mais alto?

Exalou um longo suspiro, dando por si a procurar pelos cigarros que deixara de fumar um ano antes. Irritado, deu a volta à chave mas apenas ouviu um resmungo do motor. Carregou no acelerador e tentou novamente, mas sem resultado.

— Que bela merda — murmurou. — Perfeito!

Recostando-se, tamborilou, inquieto, no volante. A única coisa a fazer era, claro, sair do carro e inspeccionar debaixo do capô. Ele sabia o que veria. Um motor. Fios, tubos e correntes. Ocorreu-lhe que sabia tanto de motores como de neurocirurgia. E ficar apeado numa estrada deserta era precisamente a recompensa que merecia por ter comprado um jipe em segunda mão a um amigo.

Conformado, desceu da viatura e levantou o capô. *Pois*, pensou, tal como suspeitava. Um motor. Inclinou-se, mexericou e sentiu a primeira gota de chuva assentar-lhe nas costas.

— Ainda mais perfeito.

Enfiou as mãos nos bolsos de trás das calças de ganga e amuou, continuando a amuar à medida que a chuva se tornava mais intensa.

Devia ter suspeitado de que algo se passava quando o amigo atirou de bom grado uma caixa de ferramentas para dentro do jipe. Nathan ponderou a hipótese de as tirar e bater no motor com uma chave de fendas. Dificilmente resolveria o problema, mas saber-lhe-ia muito bem.

Afastou-se e ficou imóvel quando um fantasma saiu das sombras da floresta, parando para o fitar.

Annabelle.

O nome dela pairava na sua mente e sentiu um aperto no estômago como resposta. Ela manteve-se quieta como uma corça, com o cabelo ruivo-escuro molhado e emaranhado, aqueles grandes olhos azuis tranquilos e tristes. Sentiu os joelhos cederem e apoiou-se no guarda-lamas.

Então, ela moveu-se, afastando para trás o cabelo molhado. E começou a avançar na direcção dele. Não era Annabelle, mas, estava certo de que era a filha de Annabelle.

Permitiu-se respirar de alívio, sentindo o coração voltar ao batimento normal.

— Problemas com o carro? — Jo tentava manter a voz calma. A julgar pela forma como ele a fitava, teria sido melhor ficar escondida entre as árvores e deixar que ele resolvesse o problema sozinho. — Suponho que não esteja aqui à chuva a ver as vistas.

— Não. — Estava feliz por sentir a voz normal. Se houvesse alteração, teria explicações a dar. — Não arranca.

— Bom, isso é um problema. — O homem parecia-lhe vagamente familiar. Um belo rosto, forte, angular e masculino. Olhos igualmente interessantes, pensava ela, de um cinza puro, e muito directos. Se ela gostasse de retratos, seria um bom modelo. — Descobriu o que se passa?

A voz dela era como mel e natas, deliciosamente típica do Sul. Ajudava-o a acalmar.

— Encontrei o motor — respondeu ele, sorrindo. — Precisamente onde esperava que estivesse.

— Pois. E agora?

— Estou a decidir quanto tempo devo olhar para ele a fingir que sei o que estou a fazer, até voltar para o carro e fugir da chuva.

— Não sabe pôr o carro a funcionar? — perguntou ela, tão inesperadamente surpreendida que ele se sentiu envergonhado.

— Não, não sei. Também uso sapatos e não tenho a mais pequena ideia de como se curte o couro.

Começou a fechar o capô, mas ela ergueu a mão para que ele não o fechasse.

— Eu dou uma vista de olhos.

— E você é o quê, mecânica?

— Não, mas tenho umas noções. — Afastando-o com o cotovelo, começou por verificar as ligações da bateria. — Parecem-me bem, mas esteja atento a elas enquanto estiver em Desejo.

— Vou estar cá uns seis meses. — Inclinou-se para a frente com ela. — Tenho de estar atento a quê?

— A isto. A humidade daqui dá cabo dos motores. Chegue-se para lá.

— Desculpe. — Mudou de posição. Era evidente que ela não se lembrava dele e ele decidiu fingir que não se lembrava dela. — Vive aqui na ilha?

— Já não.

Para não estar sempre a embater com a máquina fotográfica no carro, rodou-a do pescoço para as costas.

Nate ficou a olhar para o objecto, sentindo um leve aperto no peito. Era uma Nikon topo de gama. Compacta, silenciosa e mais rude do que outros modelos, frequentemente a escolha dos profissionais. O seu pai tivera uma. Ele também tinha uma.

— Anda a tirar fotografias à chuva?

— Não chovia quando saí de casa — comentou ela, distraidamente. — A corrente da ventoinha vai precisar de ser substituída em breve, mas

isso não é um problema agora. — Endireitou-se e embora a chuva fosse agora torrencial, ela parecia ignorá-la. — Entre e ligue o carro, para ouvir os sons.

— Você manda.

Os lábios de Jo quase sorriram quando ele se voltou e entrou no jipe. O ego masculino daquele homem tinha sido claramente ferido. Levantou a cabeça quando o motor começou a gemer. Séria, espreitou por trás do capô.

— Outra vez! — gritou, murmurando para si: — Carburador.

— O quê?

— Carburador — repetiu e abriu a portinhola de metal com o polegar. — Dê à chave outra vez.

Desta vez, o motor deu sinal de vida. Com um aceno satisfeito de cabeça, fechou o capô e seguiu para o lado do condutor.

— Estava completamente bloqueado, mais nada. É melhor mandar fazer uma revisão. Pelo aspecto, está mesmo a precisar de uns arranjos. Quando foi a última vez que o levou ao mecânico?

— Comprei-o há umas semanas. A um ex-amigo.

— Ah. Isso é sempre um erro. Bem, deve dar para o levar aonde precisa.

Quando ela começou a afastar-se, ele agarrou-lhe a mão. Era estreita, comprida, elegante e ágil.

— Ouça, deixe-me dar-lhe uma boleia. Está a chover muito e é o mínimo que posso fazer.

— Não é preciso. Posso...

— Posso ficar novamente apeado. — Sorriu-lhe de forma encantadora, fácil e convincente. — Quem me arranja o carburador?

Era uma tolice recusar, sabia-o bem. A maior tolice estava em sentir-se presa só porque ele lhe tomara a mão. Encolheu os ombros.

— Muito bem, então.

Puxou levemente a mão e sentiu-se aliviada por ele a ter libertado de imediato. Contornou o jipe e subiu para o lugar do passageiro, completamente encharcada.

— Bem, o interior está em bom estado.

— O meu ex-amigo conhece-me demasiado bem. — Nathan ligou os limpa-pára-brisas e olhou para Jo. — Para onde?

— Por esta estrada e depois à direita no primeiro entroncamento. Refúgio não fica longe. Aliás, nada fica longe em Desejo.

— Fica mesmo à mão. Eu também vou para Refúgio.

— Ai sim? — O ar dentro do carro estava denso e pesado. A chuva parecia isolá-los de tudo, atenuando os contornos das árvores, abafando todos os sons. Era mais do que suficiente para se sentir desconfortável, mas

também se sentia suficientemente irritada com a sua própria reacção para erguer o queixo e olhá-lo nos olhos. — Vai ficar na casa grande?

— Não. Vou só buscar as chaves da cabana que aluguei.

— Durante seis meses? — Sentiu-se aliviada quando ele começou a conduzir, tirando os olhos cinzentos intensos do seu rosto e concentrando-se na estrada. — São umas férias longas.

— Trouxe trabalho para fazer. Apeteceu-me mudar de ares por uns tempos.

— Desejo fica muito longe de casa — comentou ela, e depois sorriu levemente, vendo que ele a fitava. — Qualquer nativo da Geórgia sabe distinguir um ianque. Mesmo de boca fechada, vocês movem-se de forma diferente. — Afastou o cabelo do rosto. Se tivesse ido para casa a pé, tinha dispensado a conversa. Mas conversar era mais fácil do que o silêncio carregado da chuva. — Vai ficar na cabana Pequeno Desejo, perto do rio.

— Como sabe?

— Ora, toda a gente sabe de tudo por aqui. Mas a minha família aluga as cabanas, gere-as e a estalagem e o restaurante. E foi-me atribuída a cabana Pequeno Desejo. Tratei da roupa de cama e do resto ainda ontem, para o ianque que vinha cá passar seis meses.

— Então, é a minha mecânica, senhoria e camareira. Saiu-me a sorte grande. E quem chamo se a banca entupir?

— Abre a porta do armário e tira o desentupidor. Se precisar de indicações, posso anotá-las num papel. Aqui está o entroncamento.

Nathan virou à direita e subiu.

— Vamos tentar novamente. Se eu quiser grelhar uns bifés, gelar uma garrafa de vinho e convidá-la para jantar, a quem devo telefonar?

Jo voltou o rosto e lançou-lhe um olhar frio.

— É capaz de ter mais sorte com a minha irmã. Chama-se Alexa.

— Sabe arranjar carburadores?

Com uma meia gargalhada, Jo abanou a cabeça.

— Não, mas é muito decorativa e gosta de convites de homens.

— E você não?

— Digamos que sou um pouco mais selectiva do que a Lexy.

— Ai. — Fazendo uma careta, esfregou o peito com a mão. — Tiro certo.

— Estou só a poupar tempo a ambos. Refúgio fica ali — murmurou.

Nathan viu o edifício aparecer na cortina de chuva, flutuando nas névoas que se insinuavam na sua base. Era antiga e grandiosa, elegante como uma Bela do Sul pronta para um baile. Definitivamente feminina, pensava Nate, com aqueles traços fluidos num branco virginal. As janelas altas suavizavam-se com um entalhe arqueado e as varandas eram decoradas

com um belo trabalho de ferro forjado, revelando flores que despontavam de vasos de barro alaranjado.

Os jardins eram majestosos e as flores sofriam o peso da chuva, como fadas vergando-se numa vénia.

— Espantoso — comentou Nathan, a meia voz. — Os acréscimos mais recentes misturam-se perfeitamente com a estrutura original. Acentuar e não modernizar. É uma harmonia de estilos feita com mestria, classicamente sulista sem ser típica. Não podia ser mais perfeita nem que a ilha tivesse sido desenhada para a casa em vez de a casa ter sido desenhada para a ilha.

Nathan parou o carro no final da estrada, sem reparar que Jo o fitava. Pela primeira vez, sentiu curiosidade nos olhos dela.

— Sou arquitecto — explicou. — Edifícios como este cativam-me completamente.

— Bem, então deve querer uma visita guiada.

— Adoraria e isso valeria pelo menos um bife grelhado.

— A minha prima Kate é a pessoa indicada para lhe mostrar o interior. É uma Pendleton — acrescentou Jo, abrindo a porta. — Refúgio foi herdado pelos Pendletons. Ela conhece a casa melhor do que ninguém. Entre. Pode secar-se um pouco e levantar as chaves.

Subiu os degraus apressadamente, parando na varanda para espremer a água do cabelo. Esperou até que ele entrasse com ela.

— Meu Deus, esta porta! — Com súbita reverência, Nathan passou as pontas dos dedos pela madeira ricamente trabalhada. Que estranho não se lembrar. Se bem que ele costumava entrar a correr pelo alpendre e directamente para a cozinha.

— Mogno das Honduras — disse-lhe Jo. — Importado no início do século XIX, muito antes de alguém se importar em conservar as florestas tropicais. Mas é linda.

Rodou a enorme maçaneta de latão e entrou com ele em Refúgio.

— O chão é todo em pinho maciço — começou ela a dizer, bloqueando uma imagem da mãe a encará-lo pacientemente. — Assim como a escadaria principal. O corrimão é todo em carvalho trabalhado e feito aqui em Desejo, quando era uma plantação que cultivava sobretudo algodão Sea Island. O candelabro é mais recente, um extra adquirido em França pela mulher de Stewart Pendleton, o tubarão das exportações que reconstruiu a casa principal e que acrescentou as alas. Grande parte da mobília perdeu-se durante a Guerra Civil, mas Stewart e a sua mulher viajavam muito e encontraram antiguidades que apreciassem e ficassem bem em Refúgio.

— Ele tinha bom gosto — comentou Nathan, observando o vestíbulo

grande com um pé-direito elevado, as escadas polidas e a cintilante fonte de luz e cristal.

— E muito dinheiro — acrescentou Jo. Tentando ser paciente, ficou na entrada e deixou-o inspeccionar o espaço.

As paredes eram de um tom amarelo-claro que dava a ilusão de frescura durante os Verões tremendamente quentes da ilha. Os tectos tinham elementos em madeira escura, que enriquecia o espaço, emoldurando o tecto alto.

A mobília era pesada e grande, como seria de esperar numa entrada imponente. Duas cadeiras ao estilo Jorge II com costas em forma de concha acompanhavam uma credência hexagonal onde estava pousada uma grande urna em latão que exibia um ramo de lírios aromáticos e ervas selvagens.

Embora não colecionasse antiguidades — ou qualquer tipo de objecto —, Nathan era um homem que estudava todos os aspectos de um edifício, incluindo o que os habitava. Reconheceu o contador flamengo em carvalho trabalhado, o espelho de madeira folheado a ouro sobre um castiçal de madeira embutida, a predilecção da Rainha Ana¹ e a exuberância de Luís XIV. E considerou a mistura de períodos francamente bem conseguida.

— Incrível. — Com as mãos enfiadas nos bolsos de trás, voltou-se para Jo. — Belo sítio para se viver, devo dizer.

— Em muitos aspectos, sim. — A voz dela era seca e levemente amarga. Deixara-o intrigado, mas ela não acrescentou qualquer explicação. — Podemos tratar do registo no salão da frente.

Jo seguiu pelo corredor e entrou na primeira divisão à direita. Alguém acendera a lareira, provavelmente preparando a chegada do ianque, e para manter os hóspedes animados num dia de chuva, se quisessem passear pela casa.

Passou pela enorme e antiga secretária Chippendale e abriu a gaveta de cima, folheando a papelada das cabanas para aluguer. Lá em cima, na ala familiar, havia um gabinete com um arquivador e um computador que Kate se esforçava por dominar. Mas os hóspedes nunca eram incomodados com pormenores tão comezinhos.

— Cabana Pequeno Desejo — anunciou Jo, tirando o contrato. Viu que já tinha sido carimbado e indicava recepção de pagamento de caução, tendo sido já assinado por Kate e um tal de Nathan Delaney.

Jo pousou a papelada e abriu outra gaveta para tirar as chaves que pendiam de um porta-chaves de metal com o nome da cabana.

¹ Referência ao estilo Queen Anne, como é conhecido em Portugal. (N. do T.)

— A chave serve para a porta da frente e as de trás. A mais pequena é para os arrumos debaixo da casa. Mas não guarde lá nada importante. A inundação é um perigo possível, assim tão perto do rio.

— Vou lembrar-me disso.

— Montei o telefone ontem. Todas as chamadas serão debitadas directamente na cabana e somadas à sua conta mensal. — Abriu outra gaveta e tirou uma pasta fina. — Encontrará aqui toda a informação habitual. O horário do ferryboat, informação sobre marés, como alugar um barco de pesca ou equipamento, se quiser. Há também um folheto sobre a ilha: história, fauna e flora. Porque me fita assim? — perguntou.

— Tem uns olhos lindos. É difícil não olhar para eles.

Passou-lhe a pasta.

— Então olhe para o que está aí dentro.

— Está bem. — Nathan abriu-a e começou a folhear o conteúdo. — É sempre assim tão nervosa ou sou eu que a perturbo?

— Não estou nervosa, mas impaciente. Nem todos estamos de férias. Tem mais alguma pergunta... relacionada com a cabana ou a ilha?

— Se tiver, contacto-a.

— O caminho para a cabana vai indicado nessa pasta. Rubrique só o contrato aqui para confirmar a entrega das chaves e da informação. Depois, pode ir embora.

Nathan voltou a sorrir, intrigado com a rapidez com que a gentileza sulista dela se desvanecia.

— Não quero esgotar o bom acolhimento — disse ele, pegando na caneta que ela lhe entregava. — Até porque tenciono voltar.

— O pequeno-almoço, almoço e jantar são servidos na sala de jantar da estalagem. As horas dos serviços também vêm indicadas na sua pasta. Há refeições para piqueniques.

Quanto mais ela falava, mais ele apreciava o som da sua voz. Cheirava a chuva e a nada mais e parecia, com aqueles belos olhos azuis, um passarinho triste com uma asa ferida.

— Gosta de piqueniques? — perguntou-lhe.

Ela exalou um longo suspiro, pegou na caneta novamente e rabiscou as iniciais debaixo das dele.

— Está a perder o seu tempo a namoriscar comigo, senhor Delaney. Não estou interessada.

— Qualquer mulher sensata sabe que uma afirmação dessas apenas incentiva o desafio. — Inclinou-se para a frente para ler as iniciais: “J.E.H.”

— Jo Ellen Hathaway — disse ela, esperando que ele se despachasse.

— Foi um prazer ser resgatado por si, Jo Ellen.

Estendeu a mão, divertindo-se quando a viu hesitar antes de o cumprimentar.

— Tente falar com o Zeke Fitzsimmons a propósito da revisão do carro. Ele deixa-o como novo. Divirta-se durante a sua estadia em Desejo.

— Está já a revelar-se mais produtiva do que esperava.

— Então devia ter expectativas muito baixas. — Libertou a mão e conduziu-o até à entrada. — A chuva abrandou — comentou ela, ao abrir a porta e sentindo o ar húmido e enevoadado. — Não deve ter dificuldade em encontrar a cabana.

— Não. — Conhecia muito bem o caminho. — Estou certo de que não. Voltaremos a ver-nos, Jo Ellen.

Assim terá de ser, pensou, por uma série de razões.

Jo inclinou a cabeça e fechou a porta lentamente, deixando-o na varanda a pensar no que fazer a seguir.

6.

No seu terceiro dia em Desejo, Nathan acordou em estado de pânico. Sentia o coração a bater desenfreadamente, a respiração entrecortada e ofegante, a pele encharcada de suor gelado. Sentou-se repentinamente na cama, de punhos cerrados e os olhos as perscrutarem as sombras do quarto.

A fraca luz do Sol penetrava pelas frinchas das persianas formando um padrão no fino tapete cinzento.

Durante alguns segundos agonizantes, a sua mente ficou vazia, presa atrás das imagens que a poluíam. Árvores iluminadas pela Lua, ondas de nevoeiro, o corpo nu de uma mulher, o seu cabelo negro e espraiado, os olhos vítreos.

Fantasmas, pensou, esfregando o rosto com violência. Esperava-os e eles não o tinham desiludido. Estavam presos a Desejo como o musgo se prendia aos carvalhos.

Saiu da cama e caminhou, pisando intencionalmente os traços de luz solar, como as crianças que pisam os riscos do pavimento do passeio. Entrou na casa de banho estreita e na banheira branca. Fechou a cortina e abriu o chuveiro. Lavou o suor, imaginando que o pânico era uma sombra vermelha que o rodeava e saía com a água, escoando pelo ralo.

O ambiente do quarto estava denso com o vapor do chuveiro, enquanto se secava. Mas sentia o raciocínio novamente límpido.

Vestiu uma camisola de manga curta velha e uns calções de ginástica

antigos e depois, com o rosto por barbear e o cabelo a pingar, seguiu para a cozinha para aquecer água e preparar um café instantâneo. Olhou à sua volta, e torceu novamente o nariz à cafeteira que os proprietários do espaço lhe tinham disponibilizado. Mesmo que soubesse calcular a medida exacta de café, não se tinha lembrado de trazer filtros para a máquina.

Naquele momento, era capaz de pagar mil dólares por uma cafeteira em condições. Colocou a cafeteira no bico da frente de um fogão que era mais velho do que ele e seguiu para a zona de estar da grande divisão multiusos, para ver as notícias do dia. O sinal televisivo era péssimo e mal se percebia a emissão.

Sem café, sem televisão paga, pensou Nathan ao tentar sintonizar as notícias matinais num dos três canais disponíveis. Lembrava-se de como ele e Kyle se tinham lamentado da ausência de entretenimento televisivo.

— *Como vamos ver o The Six Million Man nesta porcaria? É uma velharia.*

— *Não viemos para cá para andarem com o nariz colado à televisão.*

— *Oh, mãe...*

O esquema de cores parecia-lhe algo diferente agora. Tinha uma vaga ideia de tons pastel muito suaves nas cadeiras grandes e largas e o sofá de costas direita. Agora estavam revestidos de tecidos com padrões geométricos, em verde-escuro, azul e amarelo-claro.

A ventoinha que pendia do centro do tecto costumava chiar. Sabia que agora apenas fazia o mais leve dos sons, porque sentira vontade de puxar o cordão e de a ligar.

Mas ainda existia a antiga mesa de pinho a separar as divisões: a mesa onde ele e a sua família se juntavam naquele Verão para comer, fazer jogos e montar puzzles muito complexos.

Era a mesma mesa que ele e Kyle tinham de arrumar depois das refeições. A mesa onde o seu pai se deixava ficar de manhã, depois do café.

Recordava-se de o pai lhe ensinar e ao irmão a fazer furos nas tampas dos frascos onde podiam prender pirilampos. A noite estava quente e a caça tinha sido divertida. Nathan lembrava-se de observar o frasco que pousara ao lado da cama a piscar intermitentemente, seduzindo-o para mais uma boa noite de sono.

Mas de manhã todos os insectos estariam mortos, sufocados, porque o livro pousado em cima da tampa tapara os buracos todos. Não se recordava de o ter deixado ali, aquele exemplar de *Johnny Tremaine*. Os cadáveres escuros no fundo do frasco tinham-no deixado maldisposto e com um enorme sentimento de culpa. Saía de casa e deitara-os ao rio.

Nesse Verão, não voltaria a apanhar pirilampos.

Irritado com a memória, Nathan afastou-se da televisão e voltou ao fogão para deitar a água a ferver numa caneca com café em pó. Levou a caneca para fora, para o alpendre fechado com rede, para observar o rio.

Ali as memórias emergiriam naturalmente. Tinha sido esse o motivo do seu regresso. Para se recordar daquele Verão, passo a passo, dia a dia. E para decidir o que fazer com os Hathaways.

Bebeu o café, arrepiando-se levemente com o seu sabor intenso e amargo. Descobriu que boa parte da sua vida tinha sido falsa e amarga, por isso, continuou a beber.

Jo Ellen Hathaway. Recordava-a enquanto rapariguinha magra e ousada, com um rabo-de-cavalo mal-amanhado e um temperamento de fugir. Aos dez anos de idade não tinha grande interesse em raparigas, por isso, não lhe prestara muita atenção. Era apenas uma das irmãs do Brian Hathaway.

E ainda era, pensava Nathan. E continuava magra. Ao que tudo indicava, o seu temperamento não mudara também. O rabo-de-cavalo mal feito desaparecera. O corte de cabelo mais curto e incerto combinava com a sua personalidade e o seu rosto. O aspecto indiferente, a leve aproximação à moda. A cor lembrava o acobreado do pêlo de um veado selvagem.

Perguntava-se porque lhe parecia ela tão pálida e cansada. Não parecia do tipo de andar a sofrer por uma relação ou caso falhado, mas algo a magoara. Os seus olhos estavam carregados de tristeza e segredos.

E era esse o problema, pensou Nathan com meia gargalhada. Sempre tivera um fraquinho por mulheres com olhos tristes.

Seria talvez mais ajuizado resistir-lhe, pensava. Perder-se a decifrar o que esconderiam aqueles olhos grandes, tristes e azuis como campânulas acabaria por interferir com o seu objectivo. Precisava de tempo e objectividade antes de dar o passo seguinte.

Bebeu mais um pouco de café; disse a si mesmo que se vestiria de seguida e caminharia até Refúgio, para beber um café mais forte e tomar o pequeno-almoço. Era altura de regressar à casa principal, de observar e de planear. Era altura de despertar mais fantasmas.

Mas, por agora, apetecia-lhe apenas ficar ali, a ver a paisagem através do véu fino do mosquiteiro, sentir o ar húmido, ver o Sol queimar lentamente as névoas almiscaradas que se agarravam ao solo e pairavam como asas de fadas sobre o rio.

Conseguia ouvir o som do mar, se se concentrasse, o seu rugido constante e grave, vindo de este. Mais perto ainda, era capaz de reconhecer o chilrear dos pássaros, a investida monótona de um pica-pau à caça de insectos, algures entre as sombras da floresta. O orvalho cintilava como

pequenos pedaços de cristal nas folhas das palmeiras e das palmeiras-anãs, e não corria uma brisa que as agitasse e fizesse roçar.

Quem escolhera aquele local para construir a cabana fora sábio. Ressoava introspecção e proporcionava boas paisagens e refúgio. A própria estrutura era simples e funcional. Uma caixa de cedro bem montada, apoiada em estacas, com um alpendre generoso e selado com rede a oeste e uma varanda aberta a este. No interior, a divisão principal tinha um tecto abobadado, que conferia ao espaço amplitude e abertura. Em cada extremidade havia dois quartos e uma casa de banho.

Ele e o irmão tinham um quarto cada um, numa das partes da casa. Como mais velho, exigiu ficar com o maior. A cama dupla fazia-o sentir-se crescido e superior. Fez um aviso para colocar na porta: “Bater antes de entrar”.

Gostava de ficar acordado até tarde, a ler os seus livros, a pensar nos seus assuntos, a ouvir o murmúrio das vozes dos pais ou o ruído da televisão. Gostava de os ouvir a rir de algo que os divertia.

A gargalhada da mãe era rápida, a do pai grave e gutural. Ouvira esses sons com bastante frequência ao longo da sua infância. Fera-o saber que não os ouviria nunca mais.

Um movimento despertou-lhe a atenção. Nathan voltou a cabeça e onde esperava encontrar um veado, descobriu um homem, descendo pela margem do rio como a névoa. Era alto e magro e tinha o cabelo escuro como graxa.

Porque sentia a garganta seca, Nathan bebeu mais um trago do seu café. Continuou a observar o homem que agora caminhava mais perto, com o Sol intenso a iluminar-lhe o rosto.

Não era Sam Hathaway, percebeu Nathan, começando a esboçar um sorriso. Era Brian. Os vinte anos passados tinham-nos feito homens.

Brian olhou para cima, semicerrou os olhos, focou a figura que surgia por detrás do mosquiteiro. Esquecera-se de que a cabana estava ocupada e tomara nota de começar a dar os seus passeios no sentido contrário ao rio. Agora, infelizmente, teria de fazer conversa.

Ergueu a mão.

— Bom dia. Não quis incomodá-lo.

— Não estou incomodado. Estava só a beber café do pior e a ver o rio.

O ianque, lembrou-se Brian, a estadia de seis meses. Parecia que ouvia Kate a dizer-lhe para ser simpático, educado e sociável.

— É um bom sítio. — Brian enfiou as mãos nos bolsos, irritado por ter inadvertidamente sabotado o seu próprio sossego. — Está tudo a seu gosto?

— Sim, perfeitamente. — Nathan hesitou e depois deu o passo seguinte. — Ainda andas à caça do Cavalo Fantasma?

Brian pestanejou e endireitou-se. O Cavalo Fantasma era uma lenda que vinha dos tempos em que havia cavalos selvagens a correr pela ilha. Dizia-se que o melhor espécime, um enorme garanhão preto incomparavelmente veloz, corria pelos bosques. Quem o apanhasse e conseguisse montá-lo veria todos os seus desejos concretizados.

Quando criança, Brian não tivera outra ambição senão montar o Cavalo Fantasma.

— Ainda ando atento — murmurou Brian, aproximando-se com cuidado. — Conhecemo-nos?

— Acampámos uma noite, do outro lado do rio, numa tenda para crianças remendada. Tínhamos uma gamarra, duas lanternas e um pacote de batatas fritas. Uma vez, pensávamos que tínhamos ouvido cascos e um relinchar estridente. — Nathan sorriu. — Se calhar, era mesmo.

Os olhos de Brian alegraram-se e as sombras desapareceram.

— Nate? Nate Delaney? Filho da mãe!

A porta do mosquitoeiro abriu-se completamente e Nathan deu-lhe as boas-vindas.

— Sobe, Bri. Faço-te uma caneca deste café de treta.

A sorrir, Brian subiu as escadas.

— Devias ter-me dito que vinhas, que estavas por cá. — Brian estendeu a mão e apertou vigorosamente a de Nathan. — A minha prima Kate é que trata das cabanas. Meu Deus, Nate, pareces um sem-abrigo.

Com um sorriso divertido, Nathan cofiou o queixo por barbear.

— Estou de férias.

— Bem, mas que surpresa. Nate Delaney. — Brian abanava a cabeça. — Que tens feito estes anos todos? E como está o Kyle? E os teus pais?

O sorriso desapareceu do rosto de Nathan.

— Conto-te tudo já. — Partes, pelo menos, pensou Nathan. — Deixa-me fazer-te o tal café.

— Nem penses. Anda até à casa. Eu faço-te um café decente. E preparo-te o pequeno-almoço.

— Está bem. Deixa-me vestir umas calças e calçar uns sapatos.

— Não posso crer que és o nosso ianque — comentou Brian, quando Nathan entrou. — Caramba, isto faz-me pensar no passado.

Nathan olhou para trás por uns segundos.

— Pois, a mim também.

Algum tempo depois, Nathan estava sentado ao balcão da cozinha de Refúgio, inalando os aromas celestiais do café e do bacon frito. Observava Brian a partir habilmente cogumelos e pimentos para a omeleta.

— Parece que sabes o que estás a fazer.

— Não leste o folheto? A minha cozinha teve cinco estrelas. — Brian enfiou uma caneca de café debaixo do nariz de Nathan. — Bebe e depois fala.

Nathan bebeu e fechou os olhos saboreando com prazer a bebida.

— Acho que tenho bebido areia nos últimos dois dias e que isso me influenciou, mas posso dizer que este é o melhor café que alguma vez foi feito no mundo civilizado.

— Podes crer que é. Porque ainda não tinhas subido?

— Tenho estado a descansar e a preguiçar. — A privar com os fantasmas, pensava Nathan. — Mas agora que provei isto, não deixarei de cá vir.

Brian deitou os vegetais cortados numa sertã para os saltar e começou a ralar queijo.

— Espera até experimentares a minha omeleta. Então que contas? És tão rico e independente que possas tirar seis meses para passear na praia?

— Trouxe trabalho comigo. Sou arquitecto. Desde que tenha o meu computador e o bloco de desenhos, posso trabalhar em qualquer lado.

— Arquitecto. — Batendo os ovos, Brian inclinou-se no balcão. — E prestas?

— Os meus edifícios contra o teu café, quando quiseres.

— Muito bem, então. — Rindo-se, Brian voltou ao fogão. Com a agilidade própria da experiência, verteu os ovos na sertã, pôs o bacon a escorrer, verificou os biscoitos que tinha deixado a alourar no forno. — Então e que faz o Kyle? Chegou a ser rico e famoso como sempre quis?

Fora um golpe poderoso, rápido e certo, em cheio no seu coração. Nathan pousou a caneca e esperou que a voz e as mãos ficassem estáveis.

— Estava a trabalhar para isso. Morreu, Brian. Morreu há uns meses.

— Meu Deus, Nathan. — Chocado, Brian voltou-se para o amigo. — Meu Deus, tenho muita pena.

— Estava na Europa. Morava lá nos últimos dois anos. Estava num iate, numa festa qualquer. O Kyle gostava de festejar — murmurou Nathan, massajando as têmporas. — Andavam a passear pelo Mediterrâneo. O processo diz que deve ter bebido de mais e caído borda fora. Talvez tenha batido com a cabeça. Mas morreu.

— Que chatice. Tenho muita pena. — Brian voltou para a sua sertã. — Perder alguém da família leva-nos uma parte de nós.

— É verdade. — Nathan respirou fundo, preparando-se. — E aconteceu apenas algumas semanas depois de os meus pais morrerem também. Acidente de comboio na América do Sul. O meu pai estava a fazer um trabalho e desde que o Kyle e eu ficámos independentes, a minha mãe viajava com ele. Costumava dizer que se sentia recém-casada outra vez.

— Meu Deus, Nate. Nem sei o que dizer.

— Nada. — Nathan encolheu os ombros. — Sobrevive-se. Acho que

a minha mãe se sentiria perdida sem o meu pai e eu não sei se algum deles sobreviveria se perdesse o Kyle. Acho que temos de acreditar que tudo na vida acontece por uma razão e assim sobrevivemos.

— Às vezes, a razão é uma treta — comentou Brian, em voz baixa.

— A maior parte das vezes, qualquer razão é uma treta. Mas isso não muda nada. É bom estar de volta. É bom ver-te.

— Divertimo-nos bastante naquele Verão.

— Vivi alguns dos melhores momentos da minha vida. — Nathan tentou esboçar um sorriso. — Sempre me vais dar a omeleta ou tenho de implorar?

— Não é preciso implorares. — Brian serviu a comida num prato. — Embora seja recomendável a genuflexão depois da refeição.

Nathan pegou num garfo e serviu-se.

— Então, conta-me lá as aventuras de Brian Hathaway nas últimas duas décadas.

— Não tem sido grande aventura. Gerir a estalagem ocupa bastante o tempo. Agora temos hóspedes o ano todo. Parece que quanto mais confusa e atarefada se torna a vida das pessoas, mais elas querem fugir dela. Pelo menos, durante o fim-de-semana. E quando o fazem, damos-lhe um tecto, comida e divertimento.

— Parece um projecto de vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

— Deve parecer, visto de fora. A vida ainda corre devagar, por aqui.

— Mulher, filhos?

— Não e tu?

— Fui casado — disse Nathan secamente. — Desistimos um do outro. Não tenho filhos. Sabes, foi a tua irmã que me registou. A Jo Ellen.

— Ai sim? — Brian trouxe a cafeteira para encher novamente a caneca de Nathan. — Ela também chegou há uma semana. A Lex também cá está. Somos uma bela família unida.

Quando Brian se voltou, Nathan revelou-se surpreso com o tom de voz do amigo.

— O teu pai?

— Não o arrancávamos daqui nem com dinamite. Já nem quer ir ao continente comprar mantimentos. És capaz de o ver a passear por aí.

Brian olhou para a porta, vendo Lexy entrar.

— Temos dois passarinhos madrugadores a pedir café — começou a dizer. Depois, vendo Nathan, fez uma pausa. Automaticamente, atirou o cabelo para trás, inclinando o rosto e apontando-lhe um sorriso sedutor. — Bem, temos convidados na cozinha. — Aproximou-se lentamente, encostando-se numa pose ao balcão e dando-lhe a sentir um

sopro do perfume Eternity que encontrara numa amostra de revista e que esfregara no pescoço. — Deve ser especial, se o Brian o deixou entrar no seu domínio.

As hormonas de Nathan causaram a dança rápida e instintiva que o fizeram querer rir-se de si próprio e dela. A sua primeira impressão apontava para um belo pedaço de nada, mas reviu a opinião quando olhou para os olhos dela. Eram astutos e muito atentos.

— Teve pena de um velho amigo — explicou Nathan.

— A sério? — Lexy apreciava o seu aspecto rude e estava satisfeita pela expressão de aprovação masculina que lhe detectara no rosto. — Muito bem, então. Brian, apresenta-me ao teu velho amigo. Não sabia que os tinhas.

— Nathan Delaney — disse Brian, curtamente, preparando-se para fazer a segunda caneca de café fresco. — A minha irmã mais nova, Lexy.

— Nathan. — Lexy estendeu a mão cujas unhas pintara de “Verme-lho Chama”. — O Brian ainda me vê de totós.

— Prerrogativa de irmão mais velho. — Nathan surpreendeu-se com a mão firme e competente da pequena sereia. — Na verdade, eu também me lembro de ti de totós.

— Lembras-te? — Levemente desapontada por ele não se demorar com a mão dela, Lexy apoiou os cotovelos no balcão e inclinou-se para ele. — Não posso crer que te esqueci. Faço questão de me lembrar de todos os homens atraentes que passam pela minha vida. Mesmo que apenas por momentos.

— Mal tinhas largado as fraldas — contribuiu Brian, num tom carregado de sarcasmo. — E ainda não tinhas polido o teu número de mulher fatal. A especialidade de hoje é omeleta de queijo e cogumelos — disse-lhe, ignorando o olhar despeitado que ela lhe lançara.

Lexy conteve-se para não responder e forçou um sorriso.

— Obrigada, fofo. — Ronronou levemente ao pegar na cafeteira que ele lhe dera e depois bateu as pestanas na direcção de Nathan. — Aparece mais vezes. Há muito poucos homens interessantes em Desejo.

Porque pareceria uma tolice resistir àquela bela visão e porque ela parecia esperá-lo, Nathan observou-a a sair da divisão e depois voltou-se para Brian, com um sorriso divertido.

— Que bela irmã tens tu aqui, Bri.

— Precisa de umas palmadas. A atirar-se assim a estranhos.

— Foi um bom acompanhamento para a minha omeleta. — Mas Nathan ergueu a mão quando viu a expressão de Brian. — Não te preocupes comigo, pá. Este tipo de sedução só traz dores de cabeça. Eu já tenho problemas que cheguem. Podes ter a certeza de que olho mas não toco.

— Não tenho nada a ver com isso — murmurou Brian. — Ela está decidida e destinada não só a procurar sarilhos como a encontrá-los.

— Mulheres com um aspecto daqueles costumam ter facilidade em sair deles também.

Voltou-se quando viu que a porta se abria novamente. Desta vez, era Jo que entrava por ela.

E mulheres com um aspecto destes, não saem com elegância de um problema, mas abrem caminho ao pontapé, pensava ele.

Perguntava-se porque preferiria esse tipo de mulher e esse tipo de atitude.

Jo parou quando o viu. As sobrancelhas uniram-se rapidamente, até que se obrigou a descontrair o rosto.

— Parece estar em sua casa, senhor Delaney.

— Assim me sinto, menina Hathaway.

— Bem, que formais que estamos — comentou Brian ao pegar numa caneca limpa. — Tendo em conta que a empurraste para o rio e depois te rebentou o lábio quando tentaste ajudá-la.

— Não a empurrei. — Nathan sorriu lentamente, vendo a expressão de Jo cerrar-se de novo. — Ela escorregou. Mas rachou-me o lábio e chamou-me porco ianque, se bem me lembro.

A memória do acontecimento passou-lhe na cabeça, quase escapando, mas tornando-se inegavelmente nítida. Verão quente, o choque da água fria, a cabeça a imergir. E vir à tona com o punho em riste.

— És o filho do senhor David. — Sentiu uma onda de ternura tomar-lhe a barriga e o coração. Por um momento, os seus olhos reflectiram a emoção dela e Nathan sentiu o coração bater mais rápido. — Qual deles?

— Nathan, o mais velho.

— Claro. — Penteou o cabelo para trás, sem a sedução ensaiada da irmã mas com uma impaciência distraída. — E empurraste-me sim. Nunca cairia no rio a não ser que me ajudassem ou que o quisesse.

— Escorregaste — corrigiu Nathan — e eu ajudei ao desfecho.

Ela riu-se, com uma gargalhada rápida e rica, aceitando de seguida a caneca que Brian lhe oferecia.

— Acho que podemos passar uma borracha por cima do assunto, uma vez que te rachei o lábio e que o teu pai me mostrou o mundo.

A cabeça de Nathan começou a latejar, rápida e furiosamente.

— O meu pai?

— Seguia-o como uma sombra, não o deixava em paz enquanto não me dizia como tirava fotografias, como conseguia as que tirava, como a máquina funcionava. Teve tanta paciência comigo. Eu devia arreliá-lo profundamente, sempre a interromper-lhe o trabalho, mas ele nunca me mandou

embora. Ensinou-me tanto e não apenas os passos básicos, mas como olhar e como ver. Acho que lhe devo cada fotografia que tirei.

O pequeno-almoço que Nathan acabara de comer revolvia-se-lhe amargamente no estômago.

— És fotógrafa profissional?

— A Jo é uma fotógrafa toda importante — disse Lexy no seu tom mordaz, de regresso à cozinha. — A J.E. Hathaway sempre nas suas voltas ao mundo a tirar fotografias às vidas dos outros pelo caminho. Duas omeletas, Brian, dois acompanhamentos de biscoito, uma de bacon e outra de salsicha. O quarto 201 quer o pequeno-almoço, Menina Volta-ao-Mundo. Tens camas para mudar.

— Saída do palco pela esquerda — murmurou Jo quando Lexy saiu novamente da divisão. — Sim — disse ela, olhando para Nathan. — Graças, em boa parte, ao senhor David. Se não fosse por ele, era capaz de viver tão frustrada e chateada com o mundo como a Lexy. Como está o teu pai?

— Morreu — respondeu Nathan secamente, saindo de imediato do banco. — Tenho de voltar. Obrigado pelo pequeno-almoço, Brian.

Saiu depressa, deixando a porta de rede bater com força atrás dele.

— Morreu? Bri?

— Num acidente — explicou-lhe Brian. — Há cerca de três meses. Ambos os pais. E perdeu o irmão cerca de um mês depois.

— Oh, meu Deus. — Jo cobriu o rosto com a mão. — Meti a pata na poça. Volto já.

Pousou a caneca e correu pela porta para tentar apanhar Nathan.

— Nathan! Nathan, espera um minuto. — Conseguiu apanhá-lo no caminho de conchas que atravessava o jardim em direcção às árvores. — Desculpa. — Travou-o com a mão. — Desculpa ter tocado no assunto.

Ele parou, fez um esforço por pensar com nitidez, para além do impulso latejante que lhe agredia as têmporas.

— Não faz mal. Ainda me custa um pouco falar disso.

— Se eu soubesse...

Interrompeu-se, encolhendo os ombros, sentindo-se impotente. O mais certo era fazer asneira na mesma. Sempre fora muito pouco social.

— Não sabias. — Nathan acalmou-se e apertou levemente a mão dela. Parecia-lhe tão aflita. E não fizera mais do que arranhar levemente uma ferida ainda aberta. — Não te preocupes.

— Quem me dera ter mantido o contacto com ele. — A voz dela era agora pouco mais do que um sussurro. — Quem me dera ter-me esforçado mais por lhe agradecer tudo o que fez por mim.

— Não. — Conteve-se. Contornou-a para poder fitá-la com os seus olhos ferozes e frios. — Agradecer a alguém pela forma como a nossa vida

se proporcionou é o mesmo que culpá-la pelo que aconteceu. Todos somos responsáveis pelo que fazemos.

Inquieta, Jo afastou-se.

— É verdade, mas algumas pessoas influenciam os caminhos que seguimos.

— Então, não deixa de ser engraçado termos ambos vir aqui parar, certo? — Olhava agora em direcção a Refúgio, onde as janelas cintilavam com o Sol. — Porque voltaste, Jo?

— É a minha casa.

Voltou a olhar para ele, de rosto pálido e olhos pisados.

— E é para aqui que vens quando te sentes derrotada, perdida e infeliz?

Jo cruzou os braços sobre o peito como se se sentisse subitamente gelada. Ela, a observadora, não gostava de ser analisada assim tão directamente.

— É apenas um sítio para vir.

— Parece que decidimos vir para cá quase ao mesmo tempo. Será a força do destino? Talvez... ou sorte.

Ele sorriu ligeiramente, porque preferia optar pela segunda hipótese.

— Coincidência. — Ela preferia assim. — Porque voltaste?

— Sei lá. — Expirou lentamente por entre os dentes e depois voltou a fitá-la. Queria aliviar aquela tristeza e preocupação dos olhos dela, fazê-la rir-se novamente. Subitamente teve a certeza de que isso aliviaria a sua alma tanto como a dela. — Mas já que aqui estou, porque não me acompanhas até à cabana?

— Tu conheces o caminho.

— Seria bem mais agradável ir acompanhado. Por ti.

— Já te disse que não estou interessada.

— E eu digo-te que eu estou. — O sorriso dele acentuou-se quando estendeu o braço para empurrar uma madeixa do cabelo dela para trás da orelha. — Vai ser divertido ver quem empurra quem para o outro lado.

Os homens não costumavam namoriscar com ela. Nunca. Não que merecessem que ela reparasse. O facto de ele estar a fazer precisamente isso e de ela reparar no gesto, apenas a irritava ainda mais. A inabalável Falha dos Pendletons rasgava-se entre as sobrancelhas.

— Tenho trabalho para fazer.

— Certo. Camas para mudar no 201. Vemo-nos por aí, Jo Ellen.

Porque ele se voltou primeiro, ela teve oportunidade de o observar a caminhar em direcção às árvores. Irritada, agitou o cabelo para que caís-

se intencionalmente para a frente das orelhas. Depois, abanou os ombros como se sacudindo um toque indesejado.

Mas era obrigada a reconhecer que começava a ficar mais interessada do que gostaria.

7.

Nathan levou a máquina fotográfica com ele. Sentiu um enorme desejo de recuperar alguns dos passos do pai em Desejo — ou talvez eliminá-los. Escolheu a pesada e antiga Pentax de médio alcance, uma das preferidas do pai e certamente a que David Delaney teria levado com ele para Desejo naquele Verão.

Tinha trazido também a corpulenta Hasselblad e a ágil Nikon com uma colecção de lentes e filtros e uma montanha de rolos. Nathan trouxera-as todas e deixara-as bem guardadas, como o pai lhe ensinara, na cabana.

Mas quando o pai caminhava em busca de uma boa fotografia, o mais certo era levar a Pentax.

Nathan escolheu a praia, com as suas ondas espumantes e areia luminosa como o diamante. Pôs uns óculos escuros para se proteger do brilho intenso do Sol e subiu pelo caminho marcado entre as dunas inconstantes, decoradas com os seus jardins de ervas do mar e emaranhados de plantas das dunas. O vento soprava do mar e despenteava-lhe o cabelo. Parou na crista do caminho, para escutar o bater da água e o grasnar arrogante das gaivotas que pairavam e mergulhavam nas águas.

As conchas que a maré tinha deixado ficar para trás dispersavam-se como brinquedos na areia. Entre elas já se formavam pequenas dunas arquitectadas pelo vento. As aguçadouras atarefadas corriam para trás e para a frente na espuma das águas, como empresários ansiosos por chegarem à reunião seguinte. E além, mesmo atrás da primeira onda, um trio de pelicanos voava em formação militar, subindo e volteando em grupo. Um deles mergulharia abruptamente, num mergulho estonteante de cabeça, e os outros segui-lo-iam. Davam três mergulhos e lá voltavam eles a sobrevoar, com o pequeno-almoço nos bicos.

Com a tranquilidade da experiência, Nathan ergueu a máquina, aumentou a abertura e a velocidade do obturador para conseguir registar o movimento e depois focou os pelicanos, aproximando-se cada vez mais, seguindo-os pelas cristas das ondas e no percurso ascendente. E, depois, nos seus mergulhos bombásticos.

Baixou a máquina e sorriu levemente. Ao longo dos anos, passara longos períodos de tempo sem se dedicar àquele passatempo. Fazia tenções

de compensar a sua ausência, passando pelo menos uma hora de cada dia a readaptar-se ao prazer da tarefa e a treinar a visão.

Não podia ter desejado um começo melhor. A praia estava habitada apenas por pássaros e conchas. As suas pegadas eram as únicas que conspiravam a areia. E isso era um milagre em si mesmo, concluía. Onde mais poderia um homem tão completamente só usufruir brevemente deste tipo de beleza, em absoluta paz e tranquilidade?

E agora precisava bem de tudo isso. De milagres, de beleza, de paz. Amparando a máquina com uma mão, Nathan desceu pela inclinação da duna até à areia suave e húmida da praia. Aninhando-se, examinou uma concha e, depois, redesenhou com a ponta do dedo os contornos de uma estrela-do-mar.

Mas deixou-as sempre onde as encontrou, colecionando-as apenas em rolo fotográfico.

O ar e o exercício ajudavam-no a acalmar a ansiedade que o agitara antes de deixar Refúgio. Ela era fotógrafa, recordava Nathan, ao mesmo tempo que estudava uma bonita cabana à espreita por entre as dunas. Teria o seu pai suspeitado que a menina que acompanhara num dado Verão seguiria os seus passos? Teria ele dado a devida importância ao facto? Ter-se-ia sentido orgulhoso ou divertido?

Recordava-se de certa vez em que o pai lhe mostrara como funcionava uma máquina fotográfica. As suas mãos grandes cobriam as pequenas do filho, com cuidado, paciência e sabedoria. O odor do *aftershave* no seu rosto era violento. Bruto. Sim, bruto. A sua mãe apreciava-o assim. O rosto do pai estava bem barbeado e bem junto do seu. O seu cabelo escuro estaria bem penteado, com pequenas ondulações a partir da testa, e os olhos cinzentos tranquilos e sérios.

— *Respeita sempre o teu equipamento, Nate. Um dia podes precisar de viver às custas da tua máquina. Viaja com ela pelo mundo e vê o que houver para ver. Aprende a ver e verás mais do que a maior parte das pessoas. Ou sê outra coisa, faz outra coisa e usa-a para registar os momentos que queres guardar contigo. Férias, família. Esses momentos serão teus, por isso, serão importantes. Respeita o teu equipamento, aprende a usá-lo bem e nunca perderás esses momentos.*

— Mas quantos teremos perdido, afinal? — perguntava-se Nathan em voz alta. — E quantos escondemos na esperança de os perdermos?

— Desculpe?

Nathan deu um salto quando a voz interrompeu a sua reflexão e quando uma mão lhe tocou o braço.

— O quê?

Deu um passo para trás, um pouco à espera que se tratasse de mais um dos seus fantasmas. Mas viu apenas uma mulher bonita, pequena, de estrutura delicada e loira, a olhar para ele através de umas lentes amareladas.

— Desculpe, assustei-o. — Inclinou a cabeça e os seus olhos ficaram concentrados no rosto dele. — Sente-se bem?

— Sim. — Nathan passou a mão pelo cabelo e ignorou a desconfortável sensação de desequilíbrio nas pernas. Menos fácil de ignorar era a crescente atrapalhão por se sentir observado por uma mulher que o fitava como se fosse uma amostra de tecido extraterrestre exposta pelo microscópio. — Não sabia que andava mais gente por aqui.

— Estou só a terminar a minha corrida matinal — explicou-lhe a mulher, e ele percebeu pela primeira vez que ela vestia uma camisola cinzenta encharcada em suor e uns calções vermelhos à ciclista. — É a minha cabana que está a observar... ou a perscrutar.

— Oh. — Nathan obrigou-se a concentrar novamente no edifício, as ripas de cedro prateado, o telhado castanho e inclinado com a sua varanda aberta para banhos de sol. — Tem uma bela vista.

— O nascer do Sol é a melhor parte. De certeza que se sente bem? — voltou a perguntar. — Peço-lhe desculpa por insistir, mas quando vejo um homem sozinho na praia com ar de quem foi atropelado por um carro e a falar sozinho, fico na dúvida. É a minha função — acrescentou ela.

— Polícia marítima? — perguntou, secamente.

— Não. — Sorriu e estendeu-lhe a mão. — Médica. Dra. Fitzsimmons. Kirby. Tenho uma clínica na minha cabana.

— Nathan Delaney. Clinicamente saudável. Não costumava viver aqui uma senhora de idade? Uma mulher pequena, com o cabelo apertado num puxo.

— A minha avó. Conheceu-a? Não é de cá.

— Não, não, mas lembro-me ou tenho uma ideia dela. Passei aqui um Verão quando era criança. As memórias não param de surgir. Acabou de entrar numa.

— Oh. — O olhar por trás das lentes perdeu a intensidade de observação e tornou-se mais acolhedor. — Isso explica tudo. Sei bem o que quer dizer. Passei aqui vários Verões e as memórias assaltam-me constantemente. Por isso decidi mudar-me para cá quando a minha avó morreu. Sempre gostei deste sítio.

Distraidamente, Kirby agarrou o pé e puxou a perna para cima, encostando-o à nádega, para a alongar.

— Deve ser o ianque que ficou com a cabana Pequeno Desejo por meio ano.

— As novidades circulam bem.

— É bem verdade. Sobretudo quando o circuito é pequeno. Não é todos os dias que temos homens solteiros a alugar casas por seis meses. Há uma série de senhoras curiosas. — Kirby repetiu o processo com a outra perna. — Sabe, acho que me lembro de si. Não era você e o seu irmão que andavam com o Brian Hathaway? Lembro-me da minha avó a dizer que os rapazes Delaney e o Brian pareciam unha com carne.

— Excelente memória. Esteve cá nesse Verão?

— Sim, foi o primeiro que passei em Desejo. Acho que é por isso que me lembro bem dele. Já viu o Brian? — perguntou, casualmente.

— Acabou de me fazer o pequeno-almoço.

— Magia com ovos. — Desta vez, foi Kirby que olhou para além da sua cabana. — Ouvei dizer que a Jo está de volta. Sou capaz de passar por lá quando fechar a clínica. — Olhou para o relógio. — E uma vez que abre em menos de vinte minutos, é melhor ir para dentro arranjar-me. Foi bom vê-lo novamente, Nathan.

— Foi bom vê-la também, doutora — acrescentou ele quando ela começou a correr em direcção às dunas.

Com uma gargalhada, voltou-se e começou a correr às arrecuas.

— Clínica Geral. Inclui tudo, do berço à cova — gritou. — Passe por cá se tiver algum problema.

— Lembrar-me-ei disso.

Sorriu e observou o rabo-de-cavalo de Kirby a saltar atrevidamente, à medida que ela corria pelo vale, por entre as dunas.

Dezanove minutos mais tarde, Kirby vestiu uma bata branca por cima das suas calças Levi's. Entendia a bata como uma tradição, concebida para assegurar o paciente de que era realmente uma médica. Essa peça de roupa e o estetoscópio guardado no bolso providenciavam aos autóctones a consistência visual de que precisavam para permitirem que a neta da Vó Fitzsimmons lhes andasse a espreitar debaixo da roupa.

Entrou no consultório, instalado na antiga despensa sempre bem abastecida da avó. Kirby deixara uma parede de prateleiras intacta, onde guardava os livros e documentos e a máquina de fax e fotocopadora que a ligavam ao continente. Tirara as restantes prateleiras, por não fazer tenções de seguir o exemplo da avó e guardar tudo, desde tomates doces estufados a pickles de melancia.

Transportara a secretária de cerejeira envernizada para a sala sozinha. Tinha-a trazido de Connecticut, sendo uma das poucas peças que trouxera para Sul. Em cima colocara um mata-borrão e agenda revestidos a pele, um presente de despedida dos seus saudosos pais.

O pai tinha crescido em Desejo e considerava-se abençoado por ter conseguido sair de lá.

Kirby sabia que os pais tinham ficado contentíssimos quando decidira seguir as passadas do pai e estudar Medicina. E imaginavam que continuasse por esse caminho, optando pela especialização em Cirurgia Cardiorácica, juntando-se ao pai na sua clínica bem-sucedida e ao estilo luxuoso de vida que os pais tanto apreciavam.

Em vez disso, Kirby optara por ser médica de família, viver na cabana velha da avó e usufruir de uma vida simples naquela ilha.

E não podia sentir-se mais feliz.

Ao lado da agenda que exibia as suas iniciais em dourado, havia um complexo sistema telefónico com intercomunicador — para a eventualidade de muito pouco provável de precisar de um assistente — e um porta-lápis carregado de lápis bem afiados.

Kirby passara as primeiras semanas da abertura da clínica a fazer pouco mais do que afiar lápis para tirar notas. Um bebé com inflamação na garganta, uma mulher idosa com artrite, uma criança com roséola e febre.

Começara por gozar da confiança dos mais novos e dos mais velhos. Depois vieram os outros fazer pontos, aliviar dores, acalmar o estômago. Agora, ela era a Dra. Kirby e a clínica ia de vento em popa.

Kirby passou os olhos pela agenda. Um exame ginecológico anual, um acompanhamento a um caso sério de sinusite, o filho dos Matthews tinha outra otite e o bebé dos Simmons precisava de vacinas. Bem, a sala de espera não ia estar apinhada, mas pelo menos teria a manhã preenchida. E, com um pouco de sorte, pensava, divertida, podia ocorrer uma série de pequenas emergências para lhe animar o dia.

Como Ginny Pendleton era a sua consulta de ginecologia das dez, tinha ainda dez minutos, pelo menos. Ginny estava sempre atrasada para tudo. Pegou no registo da paciente e seguiu para a cozinha onde se serviu do resto de café que havia na cafeteira, feito à primeira hora da manhã, levando a caneca para o consultório.

O quarto onde em tempos sonhara naquelas noites de Verão estava agora arranjado e fresco. Colocara posters de flores silvestres nas paredes, uma alternativa aos cartazes de anatomia que normalmente decoravam os gabinetes médicos. Acreditava que as imagens deixavam os pacientes nervosos.

Depois de encaixar o registo na parte de dentro da porta, pegou numa bata de algodão sem costas — considerava as batas de papel humilhantes — e estendeu-a aos pés da cama. Trauteou uma sonata de Mozart que soava do rádio. Mesmo os movimentos mais rápidos tinham um efeito de descontração.

Preparara tudo o que precisara para o exame de rotina anual e tinha acabado de beber o café quando ouviu a campainha que lhe dizia que a porta da entrada tinha sido aberta.

— Desculpa, desculpa — disse Ginny, entrando a correr ao mesmo tempo que Kirby entrava na sala de estar que servia de sala de espera. — O telefone tocou mesmo quando estava a sair.

Ginny tinha vinte e poucos anos e Kirby avisava-a constantemente de que o seu apreço pelo Sol teria o seu preço em menos de dez anos. O seu cabelo era loiro, quase branco, assentava-lhe pelos ombros, nuns caracóis frenéticos e a implorar um tratamento às raízes.

Ginny descendia de uma família de pescadores e, embora fosse capaz de pilotar um barco como um pirata, limpar peixe como um cirurgião e arranjar ostras com uma velocidade e precisão estonteantes, preferia trabalhar no Parque de Campismo de Heron, ajudando os estreatantes a montar as tendas, distribuindo os espaços e ajudando na contabilidade.

Para a consulta vestira uma das suas camisas axadrezadas preferidas, num roxo vivo e risca branca. Kirby perguntava-se quantos órgãos internos implorariam por um pouco de oxigénio, assim tão tolhidos por aquelas justíssimas calças de ganga.

— Estou sempre atrasada — comentou Ginny com o seu sorriso animado e atrapalhado que fazia Kirby rir.

— E todos sabemos disso. Vai urinar para o frasco, primeiro. Já sabes como é. Depois entra no gabinete. Tira tudo, veste a bata com a abertura para a frente. Avisa-me quando estiveres pronta.

— Muito bem. Era a Lexy ao telefone — gritou ela, correndo pelo corredor com as suas botas à cowboy e fechando a porta logo de seguida. — Sente-se inquieta.

— Normalmente está assim — respondeu Kirby.

Ginny continuou a falar quando saiu da casa de banho e se dirigiu para o gabinete.

— E pronto, a Lexy vai ao acampamento hoje às nove da noite. — Ouviu-se o som da primeira bota a cair ao chão. — O número doze está livre. É um dos meus preferidos. Lembrei-me de fazermos uma fogueira e beber umas cervejas. Queres vir?

— Agradeço o convite. — Ouviu-se o segundo tombo. — Vou pensar nisso. Se decidir ir, levo mais cerveja.

— Queria que ela convidasse a Jo, mas sabes como a Lex fica irritada. Ainda assim, espero que a convide. — A voz de Ginny ficou subitamente mais agastada, levando Kirby a deduzir que estaria a tentar despir as calças. — Já a viste? A Jo?

— Não. Vou ver se a apanho um dia destes.

— Far-lhes-ia bem sentarem-se uns minutos a formar laços. Não sei por que motivo a Lex está tão zangada com a Jo. Se bem que parece que anda sempre chateada com toda a gente. Se eu tivesse um homem como o Giff sempre de olho em mim como ele o faz, não ficava zangada com nada. E não digo isto por sermos primos. Na verdade, se não fôssemos parentes, já lhe tinha saltado para cima. Estou pronta.

— O Giff vai acabar por conquistá-la — comentou Kirby, pegando no registo ao entrar. — Tem um traço de teimosia quase tão intenso como o dela. Vamos ver quanto pesas. Algum problema, Ginny?

— Não, sinto-me bem. — Ginny pôs-se em cima da balança e fechou os olhos. — Não me digas quanto peso.

Rindo-se, Kirby bateu no peso. Cinquenta e nove. Sessenta e um. Ups, sessenta e quatro.

— Tens feito exercício, Ginny?

Com os olhos ainda bem fechados, Ginny movimentava-se de forma nervosa.

— Mais ou menos.

— Aeróbica, vinte minutos, três vezes por semana. E corta nos chocolates. — Por ser mulher e médica, Kirby passou a balança a zeros antes que Ginny abrisse os olhos. — Para cima da mesa. Vamos ver a tensão arterial.

— Estou sempre a lembrar-me de ver a cassete da Jane Fonda. O que pensas da lipoaspiração?

Kirby colocou-lhe a manga do esfigmomanómetro.

— Acho que devias dar um passeio enérgico pela praia algumas vezes por semana e pensar em comer cenouras em vez de barras de chocolate, por uns tempos. Vais perder esses quilos extra sem precisares de aspirador. A tensão está bem. Quando tiveste a última menstruação?

— Há duas semanas. Atrasou uma semana e apanhei um susto dos diabos.

— Mas tens usado o teu diafragma, não tens?

Ginny cruzou os braços diante do peito e entrelaçou os dedos.

— Bem, a maior parte das vezes. Sabes como é... nem sempre dá jeito.

— Nem a gravidez.

— Obrigo sempre o rapaz a usar preservativo. Sem excepção. Há uns rapazes muito giros no número seis.

Suspirando, Kirby tirou as luvas.

— Sexo casual pode significar complicações perigosas.

— Sim, mas é tão divertido. — Ginny sorriu para o poster de Monet que Kirby colara no tecto. — E apaixonou-me sempre um pouquinho por

eles. Mais tarde ou mais cedo vou encontrar o homem da minha vida. Entretanto, vou experimentando.

— Campo minado — murmurou Kirby. — Valorizas-te pouco.

— Não sei. — Tentando imaginar-se a caminhar pelas flores desfocadas do poster, Ginny tamborilava os seus dedos magros no peito. — Nunca viste um homem que desejassem com tamanha vontade que tudo dentro de ti vibrasse e explodisse?

Kirby pensou em Brian e conteve-se para não libertar um suspiro.

— Sim.

— Adoro quando isso acontece, e tu? É tão primitivo, não achas?

— Acho que sim. Mas à parte do primitivo e do inconveniente, quero que uses o diafragma.

Ginny revirou os olhos.

— Sim, senhora doutora. Oh, por falar em homens e sexo, a Lexy disse que já viu o ianque e que é carne de primeira.

— Eu também já o vi — respondeu Kirby.

— E ela tinha razão?

— É bastante atraente.

Com cuidado, Kirby puxou o braço de Ginny para cima da cabeça para dar início ao exame mamário.

— Parece que é um amigo do Bri. Passou um Verão aqui com os pais. O pai era o fotógrafo que fez aquele livro sobre as Sea Islands há uns tempos. A minha mãe ainda tem um exemplar.

— O fotógrafo, claro. Tinha-me esquecido disso. Tirou fotografias à minha avó. Imprimiu uma delas, emoldurou-a e ofereceu-lha. Ainda a tenho no meu quarto.

— A minha mãe encontrou o livro hoje de manhã quando lhe contei. É muito bonito — acrescentou Ginny enquanto Kirby a ajudava a sentar-se. — Tem uma da Annabelle Hathaway e da Jo a jardinarem, no Verão em que a Annabelle fugiu. E eu pensava que ela tinha fugido com o fotógrafo, mas a minha mãe disse que ele e a família ainda ficaram na ilha depois de ela desaparecer.

— Foi há vinte anos. Seria de esperar que as pessoas o esquecessem e continuassem com as suas vidas.

— Os Pendletons são toda a ilha — comentou Ginny. — A Annabelle era uma Pendleton. E ninguém esquece o que quer que seja nesta ilha. Ela era realmente bonita — acrescentou, saltando da mesa. — Não me lembro dela muito bem, mas ver a fotografia trouxe-me algumas memórias. A Jo podia parecer-se mais com ela se se esforçasse um pouco.

— Imagino que a Jo prefira parecer-se consigo própria. Estás bem, Ginny, podes vestir-te. Vemo-nos lá fora, quando estiveres pronta.

— Obrigada. Ah, Kirby, tenta ir logo ao acampamento. Será uma noite só de raparigas. No número doze.

— Depois vemos.

Às quatro, Kirby fechou a clínica. A sua única emergência tinha sido uma queimadura solar feia de um turista que adormecera na praia. Depois do seu último cliente, passara quinze minutos a pentear o cabelo, a maquilhar-se e a colocar um pouco de perfume.

Tentava convencer-se de que era uma questão de prazer pessoal, mas estava a caminho de Refúgio e sabia que era mentira. Esperava ter bom aspecto e cheirar suficientemente bem para Brian Hathaway sofrer um pouco.

Saiu pela porta que dava para a praia. Kirby adorava aquela emoção rápida e chocante de sentir o oceano tão perto de casa. Viu uma família de quatro pessoas a brincarem nas poças e ouviu a melodia das gargalhadas das crianças que superavam o borbulhar do mar.

Colocou os óculos de sol e desceu os degraus. O passadiço de madeira que encomendara a Giff contornava a casa e conduzia-a pelo sentido contrário às dunas. Da areia emergia um pequeno aglomerado de ciprestes, curvados e feridos pelo vento que ainda agora atirava areia para os seus pés. Pequenos arbustos de murta e sabugueiros adornavam o caminho. Kirby contribuía agora com as suas pegadas, marcando a areia.

Contornou os pólos de vegetação nas dunas, sabendo enquanto habitante de ilha que devia respeitar a sua fragilidade. Em alguns momentos, trocava o brilho intenso da areia e do mar pela frescura e tranquilidade da floresta.

Caminhava rapidamente, sem pressa, mas simplesmente orientada para um objectivo. Estava habituada ao crepitar dos bosques, às deslocções de luz e som. Por isso, ficou surpresa quando deu consigo parada, no meio das árvores, alerta, escutando apenas o ruído do coração a bater desenfreadamente.

Lentamente, deu uma volta, perscrutando as sombras. Estava certa de que escutara. Sentia algo. Sentia-a ainda, aquela impressão de estar a ser observada.

— Olá? — Detestava-se por se sentir tremer ao som do eco da sua voz. — Está alguém aí?

O ruído das folhas, o som que podia ser criado por um veado ou um coelho e o pesado silêncio de um ambiente ensombrado. Idiota, pensava ela. É claro que não havia ninguém ali. E se houvesse, que importância teria? Voltou-se e continuou a seguir pelo caminho familiar, fazendo um esforço por caminhar não muito rapidamente.

Sentia o suor a escorrer-lhe pelas costas e a respiração ficar ofegante. Tentou conter o medo crescente e continuou a olhar à sua volta, na esperança de vislumbrar um qualquer movimento. Não havia nada além de ramos partidos e musgo a pender das árvores.

Bolas, pensava ela, esfregando o peito alvoroçado. Estava ali alguém. Aninhado por trás de uma árvore, encolhido numa sombra. A observá-la. Crianças, pensava ela. Só crianças a pregar-lhe uma partida.

Caminhou às arrecuas, olhando atentamente para todos os lados. Voltou a escutar o mesmo som, um ruído baixo e dissimulado. Tentou gritar novamente, fazer algum comentário sobre a falta de educação das crianças, mas o terror que se apoderara dela não a deixava falar. Seguindo o instinto, voltou-se para a frente e acelerou o passo.

Quando o som se tornou mais próximo, esqueceu o orgulho e desatou a correr.

E aquele que a observava levou lentamente as mãos ao rosto e soprou-lhe um beijo sem ela o ver.

Com a respiração cada vez mais custosa, Kirby atravessou as árvores, vincando o percurso com as suas sapatilhas. Soluçou de alívio quando divisou a mudança da luz, agora mais intensa, e mais forte ainda quando saiu das árvores. Olhou para trás, por cima do ombro, preparada para ver um monstro qualquer a saltar atrás dela.

E gritou quando embateu contra um muro sólido de peito e braços que agora a envolviam.

— O que se passa? Que aconteceu? — Brian quase pegava nela ao colo, mas ela abraçou-o com força. — Magoaste-te? Deixa-me ver.

— Não, não. Não me magoei. Um minuto. Preciso de um minuto.

— Está bem, está bem.

Aliviou o abraço e afagou-lhe o cabelo. Estivera a arrancar ervas daninhas na parte mais extrema do jardim quando ouvira os sons da corrida assustada de Kirby pela floresta. Tinha acabado de dar os primeiros passos para ver o que se passava quando ela saíra de dentro a correr, embatendo nele.

Agora o coração dela batia rapidamente e o dele quase lhe acompanhava o ritmo. Tinha-o abalado, aquele olhar de animal assustado, a olhar de um lado para o outro, à espera de ser atacado por trás.

— Assustei-me — conseguiu dizer, ainda agarrada a ele. — Eram crianças. De certeza que eram só crianças. Parecia que estava a ser seguida, caçada. Mas eram crianças. Assustei-me.

— Está tudo bem. Tenta respirar. — Ocorria-lhe que ela era muito pequena. Costas delicadas, cintura fina, cabelo sedoso. Sem dar conta, puxou-a para si. Era estranho sentir que ela se encaixava tão bem nele e ao

mesmo tempo ser tão pequena e frágil que daria para pegar nela ao colo e guardá-la no bolso.

Meu Deus, cheirava bem. Baixou o rosto por um momento, permitindo-se absorver o aroma e a textura do cabelo dela, ao mesmo tempo que lhe acariciava o pescoço.

— Não sei porque me assustei daquela maneira. Nunca entro em pânico.

E porque a sensação começava a desaparecer, ela começou a aperceber-se de que ele a abraçava. Estavam demasiado perto um do outro. E que as mãos dele percorriam o seu corpo. Devagar. E que os lábios dele beijavam o cabelo dela. Com suavidade.

O ritmo mais calmo do seu coração voltou a acelerar, mas, desta vez, não tinha nada a ver com pânico.

— Brian — murmurou, passando as mãos pelas costas dele e erguendo suavemente a cabeça para o fitar.

— Estás em segurança, agora. Estás bem.

E, sem dar conta do que estava a fazer, sentiu a boca colada à dela.

Foi como um murro no estômago, um golpe avassalador que lhe descontrolou o cérebro e lhe fez tremer as pernas. Depois, os lábios dela abriram-se, tão acolhedores e suaves, deixando escapar suspiros que a boca dele absorvia.

Ele investiu mais profundamente, mordiscando a língua dela e depois acariciando-a enquanto as mãos deslizavam pelas calças justas dela, moldando-lhe o traseiro e unindo calor com calor.

Ela parara de pensar no instante em que a boca dele se apoderara da dela. A novidade naquela experiência era uma emoção diferente e feliz. Fora sempre capaz de separar a mente da emoção, de alguma forma saindo de si, para dirigir e controlar o acontecimento. Mas agora estava perdida no momento, dominada por sensação atrás de sensação.

A boca dele era quente e faminta, o corpo rijo, as mãos grandes e exigentes. Pela primeira vez na sua vida, sentiu-se francamente frágil, como se ele pudesse parti-la em dois por capricho.

Por motivos que não conseguia sequer explicar, a sensação revelava-se tremendamente excitante. Murmurando o nome dele contra a boca atarefada, encaixou as mãos debaixo dos braços dele. Deixou a cabeça descair, já sem forças. Pela primeira vez um homem deixara-a no limite de uma absoluta e inquestionável rendição.

Foi essa mudança, a entrega súbita, o gemido impotente que o fez despertar. Arrastou-a para cima, sentiu os dedos entranhados na carne dela e a única imagem que conseguia ver era dele a possuí-la no chão.

No jardim da mãe, pelo amor de Deus! Em plena luz do dia. À porta de casa. Enojado consigo mesmo e com ela, Brian afastou-a de si.

— Era isto que querias, não era? — perguntou, furioso. — Dás-te mesmo ao trabalho só para provares que não te resisto, como os outros homens.

Kirby ainda estava meio estonteada de emoção.

— O quê? — Pestanejou em busca de nitidez. — O quê?

— O truque da donzela em apuros funcionou. Um a zero, ganhas tu.

Kirby aterrou na terra com um baque. Os olhos dele estavam tensos e quentes como a boca estivera segundos antes, mas incendiados por uma paixão diferente. Quando as palavras dele e o significado delas foram finalmente assimilados, arregalou os olhos, absolutamente indignada.

— Achas realmente que eu encenei isto tudo e fiz figura de parva só para me beijares? Seu filho da mãe arrogante, convencido e prepotente. — Sentindo-se absolutamente vilipendiada, empurrou-o. — Não tenho truques. Não sou e jamais serei uma donzela de qualquer estirpe. Além disso, beijar-te não é o principal objectivo da minha vida.

Penteou o cabelo desalinhado para trás e endireitou os ombros.

— Vim aqui para ver a Jo e não a ti. Tu, por acaso, apareceste-me no caminho.

— E suponho que foi por isso que saltaste para os meus braços e te enredaste em mim como uma serpente.

Kirby respirou fundo, decidida a imbuir-se de calma e dignidade.

— O problema aqui, Brian, é que tu querias beijar-me e gostaste de o fazer. Agora tens de me culpar, de me acusar de executar um maldito e ridículo estratagema feminino porque me queres beijar novamente. Queres voltar a pôr-me as mãos em cima como ainda há pouco as tinhas e por qualquer motivo isso tira-te do sério. Mas é um problema teu. Vim aqui para ver a Jo.

— Ela não está cá — respondeu Brian entre dentes. — Anda por aí com a máquina fotográfica.

— Muito bem, então, dá-lhe um recado meu, por favor. Parque de Campismo Heron, nove horas, lote doze. Noite de mulheres. Achas que consegues lembrar-te disso ou precisas que tome nota por escrito?

— Eu digo-lhe. Mais alguma coisa?

— Não, absolutamente nada.

Kirby deu meia volta e depois hesitou. Com muito ou pouco orgulho, não conseguia embrenhar-se na floresta sozinha novamente. Trocou de direcção e seguiu pelo caminho das conchas. Seria o dobro da distância até casa, mas uma boa caminhada a transpirar ajudá-la-ia a acalmar a irritação.

Brian franziu o sobrolho quando ela lhe voltou as costas e fitou seriamente o bosque. Teve um súbito e sentido pressentimento de que tudo aquilo não acontecera por fingimento. E isso fazia dele não apenas um tolo, mas um tolo malvado.

— Espera, Kirby. Eu dou-te boleia.

— Não, obrigada.

— Caramba, eu disse para esperares.

Conseguiu apanhá-la e segurou-a pelo braço, surpreso pela raiva que lhe leu no olhar quando ela se voltou para ele.

— Eu aviso quando estiveres autorizado a tocar-me, Brian, e aviso quando quiser alguma coisa de ti. Entretanto... — Libertou-se com um puxão. — Eu safo-me sozinha.

— Desculpa.

Amaldiçoara-se assim que proferira a palavra. Não queria fazê-lo. E a sobranceira arqueada e o olhar admirado de Kirby fizeram-no desejar ter cortado a língua antes de lhe pedir desculpa.

— Perdão? Disseste alguma coisa?

Agora era demasiado tarde para voltar atrás, por isso, engoliu o orgulho.

— Pedi-te desculpa. Exagerei. Deixa-me levar-te a casa.

Ela inclinou a cabeça num movimento que ele interpretou como sendo de vitória e exibindo um sorriso empertigado.

— Obrigada. Ficaria muito contente.